

OS CONTOS
DE
KOPPI

APRESENTAM

A LENDA DE TRÔNTOR



Caue
Falcao

OS CONTOS
— DE —
KOPPI

Caue
Falcao

OS CONTOS
DE
KOPPI

APRESENTAM

A LENDA DE
TRÔNTOR

Caue
FALCAO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Cauê Falcão de
A lenda de Trôntor / Cauê Falcão de Oliveira. --
1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-00-94176-0

1. Ficção de fantasia I. Título.

24-193580

CDD-B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira
B869.93

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Direitos autorais © 2024 por Caue Falcão de Oliveira

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por quaisquer meios eletrônicos ou mecânicos, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

PARA TODOS OS SONHADORES

CONTINUEM SONHANDO, SEMPRE.

SUMÁRIO

Os contos de Koppi	ix
1. O MAPA	I
2. ILHA DE KOPPI	13
3. DOCE DE KOTTI	19
4. A LENDA DE TRÔNTOR	32
O plano de Percius	49
5. O CAVALEIRO	57
A esperança	65
6. MAÍKI	69
7. AS LINHAS DOURADAS	81
8. A CRIATURA DO MAR	94
9. PROCURA-SE UM PIRATA	101
10. O BARRIL DANÇANTE	112
11. O GUARDIÃO DA FLORESTA	121
12. BELU MEL, O URSO	133
O Alce Marfim	141
13. KORDI, O PATO	149
Deserto Souk	159
14. MISTIR POSTIN	163
O caçador de recompensas	171
15. INVERSIUM	177
16. A GRUTA MÁGICA	184
<i>Goldrin</i>	187
17. TRILHO DE FOGO	193
18. A CIDADE DOURADA	199
O Desafio	211
19. OS TEMÍVEIS JAVALIS DO NORTE	216
Depois da festa	225
20. A CASA DE FOLHAS	234
Silverin	239

O Jantar de Volt	245
21. O SILÊNCIO DE GOLDES	249
22. VILUME	258
23. O MAGO DE TLOK	271
Adam Bartomum	281
24. A PROPOSTA DE LEONARD VOLT	293
25. A DESPEDIDA	305
Palácio Goldin	313
Rithu	323
26. O YETI	325
27. A CIDADE VOADORA	336
O Círculo de Trôntor	346
28. FORTALEZA DA LUZ	352
29. A EMBOSCADA	360
Muralha das Presas	369
30. A BATALHA DE JAVALLON	377
A Neve Vermelha	383
31. A CHAVE DE OURO	393
SS. Leon	405
32. O VERDADEIRO TESOURO	409
33. O JANTAR	416
34. AS SOMBRAS DE VUNET	424
A invasão	431
O Duelo Final	437
35. OS CONTOS DE KOPPI	445
Mapa de Tehko	457

OS CONTOS DE KOPPI

“Bem-vindo a *Os Contos de Koppi*.

Você está prestes a embarcar em uma aventura por Tehko, um mundo repleto de criaturas fantásticas, lugares inesquecíveis e segredos antigos escondidos além da Grande Neblina.

Em *A Lenda de Trôntor*, acompanhe Leonard, Oliver, Nala e Quibi em uma jornada cheia de magia, perigos e descobertas capazes de mudar Tehko para sempre.

E caso algum caminho pareça confuso... talvez o mapa no fim do livro possa ajudar.

Agora vire a página.

A aventura está só começando.”

CAPÍTULO I

O MAPA

Num canto esquecido do mar de Tehko, havia um lugar que só aparecia nos mapas quando alguém queria ter pesadelos: a Ilha Fantasma. Abrigo temporário de piratas que já perderam tudo, menos a sede por bebida barata.

Numa tarde tão escura que parecia noite, a chuva caía em rajadas, como se o céu quisesse lavar a ilha... ou se livrar dela de uma vez.

A porta da *Taverna das Sombras*, um buraco velho que servia qualquer coisa, se abriu com violência.

— Eu prometo que vou pagar o que devo! Só mais uma! — implorou um bêbado, cambaleando.

— Some daqui, seu safado!

O velho o fogueou pelo colarinho e o arremessou na lama como quem descarta resto de peixe.

— Se voltar aqui, eu te jogo na Névoa Sombria!

A porta bateu.

— Prefiro a névoa! — berrou.

Ele se ergueu como deus, cuspiu lama e encarou o horizonte.

O céu brilhava num violeta denso. A Névoa Sombria se erguia ao longe como uma muralha pulsante, engolindo luz e qualquer coisa tola o bastante para se aproximar.

O bêbado ainda resmungava quando uma buzina cortou o ar. Seu rosto estremeceu.

Nem precisava ver a bandeira. Conhecia bem aquele casco.

O Caveira Negra.

As âncoras despencaram com força, fazendo o cais vibrar. A tripulação mal tinha descido, e o bêbado já procurava um beco para se enfiar.

— M-Mãos de Espada? — sussurrou, sumindo nas sombras.

Do cais, um dhormun com mais de dois metros e ombros largos vinha na direção do bar. A pele roxa, áspera, carregava uma coleção de cicatrizes.

Era Gruk, o Mãos de Espada.

Assim que a porta abriu, a taverna mergulhou em silêncio. Copos pararam no ar, e até os ratos desapareceram entre as tábuas.

O pirata nem notou. Só tinha olhos para um humano encapuzado, sentado num canto escuro.

— Você trouxe o que eu busco? — A voz de Gruk soou pesada.

O homem não ergueu a cabeça. Apenas abriu um mapa sobre a mesa. Papel gasto. Cheiro de poeira. Símbolos que não pareciam pertencer a rota alguma.

Os dedos de Gruk percorreram as linhas devagar. Voltavam ao início e seguiam outra vez, como quem testa um caminho invisível.

Por um instante, seus olhos não estavam mais ali.

— Como posso saber se é verdadeiro?

— Não pode — respondeu o encapuzado. — Mas se eu for embora, a chance de descobrir vai junto comigo.

Cadeiras arranharam o chão. Espadas raspavam com pressa.

— Quer morrer hoje, esquisito?! — rosnou um dos piratas.

O homem nem piscou. Não recuou um centímetro. Gruk também não disse nada, apenas ergueu a mão.

As lâminas voltaram às bainhas, e por alguns segundos só se ouviu o vento uivando nas janelas.

Só então o bar respirou de novo.

Entre uma mesa e outra, Haroldo Sombras apontou discretamente para o mapa e sussurrou:

— Você compra essa lenda?

— Pff... claro que não. Já viu algum mago por acaso? — rebateu Corgy, o Farejador.

— Eu não. Mas tenho um primo que jura que viu um. Um velho em Etin que acendia fogo só de estalar os dedos. Acredita?

Corgy bufou.

— Armas mágicas, magos... tudo lorota de taverna.

— O capitão acredita.

Corgy cuspiu no chão.

— Se for verdade, imagina. — Haroldo mediu Gruk com os olhos. — Uma espada capaz de dobrar os elementos. Nas mãos dele? A gente tomava até a Capital.

O maxilar do Farejador se contraiu.

— Trôntor é só um bando de torre velha e ruína. Magos nunca existiram.

— Sei não... tenho minhas dúvidas.

— Shhh! Cala a boca, idiota!

Enquanto cochichavam, Gruk colocou sobre a mesa um amuleto antigo, sua oferta pelo mapa.

O homem não mudou a expressão. Apenas fechou os dedos sobre o objeto e se levantou.

— Vai tarde! — disse Corgy, dando uma bicada no rum.

O encapuzado virou o rosto devagar.

O Farejador sustentou o olhar.

Por um segundo.

Num estalo seco, o copo se espatifou na mão de Corgy. Rum e vidro escorreram pela túnica.

Silêncio.

Não era o silêncio de antes. Era outro. Pesado. Do tipo que faz os olhos procurarem o chão sem saber por quê.

Os piratas se afastaram um a um enquanto o desconhecido atravessava o salão sem pressa. Seu manto roçava as mesas e fazia as velas tremerem nas laterais. Até o raspar de um prato parecia ousadia.

Quando alcançou a porta, o vento e a chuva invadiram o salão por um instante, e a neblina engoliu sua sombra.

O batente ainda tremia quando Gruk se levantou. Virou a garrafa de rum até a última gota e bateu na mesa.

O lugar explodiu. Palmas, copos erguidos e risadas que pareciam tosse de velho. Todo o bando sabia: quando o líder bebia assim, era hora de encher a caneca e cantar desafinado.

— Tragam a marvada! — gritou Haroldo Sombras, dançando sobre a mesa.

Burgaro Dentes, um kordun de pele azulada e presas encardidas, levantou o copo:

— Saúde, miseráveis! — Metade do brinde voou com o cuspe.

A música tocava, as canecas batiam, e todos pareciam se divertir, com exceção de um homem.

Num canto escuro, um pirata permanecia quieto. Humano, cabelos claros, uma cicatriz cortando o rosto. Seu nome era Leonard Volt.

Alheio aos gritos, ele girava uma moeda de ouro entre os dedos, observando tudo com um tédio de quem contava os segundos para a noite acabar.

— As bebidas daqui não são boas o suficiente pra Vossa Alteza? — provocou Corgy.

— Já bebi coisa melhor — respondeu Volt.

O sorriso de Corgy derreteu.

— Cuidado, Volt. Tu adora bancar o maioral, não é? Mas pra mim, tu não passa de peso morto.

Ele se inclinou, sussurrando com veneno:

— Gruk gosta dos teus planinhos. Mas um novo líder... pode não te achar tão útil assim.

— Hum. E esse líder seria você? Interessante.

Corgy rosnou, pronto para sacar a lâmina.

Volt? Nem piscou.

O Farejador bufou e recuou em silêncio. Devagar. Como quem promete que a conversa ainda não tinha acabado.

NO CENTRO DO SALÃO, um copo encontrou a mesa com violência, fazendo a madeira vibrar.

Gruk passou as costas da mão na boca e se levantou. Não precisou dizer nada — o olhar bastou para que o burburinho murchasse.

— Vocês têm uma hora.

A canção sobre sereias e dívidas não pagas morreu no

meio do verso. As gargalhadas se encolheram pelo salão enquanto a porta batia atrás dele.

— Sacanagem, eu tava só aquecendo — murmurou Haroldo, descendo da mesa.

Uma risada tímida escapou de algum canto.

Outra respondeu.

E a festa voltou, porque pirata sem farra é só figurante de taverna.

Corgy, pra variar, não se animou. Estreitou os olhos, encarando a bagunça como quem mastiga algo amargo. Esvaziou o copo num gole só e gritou:

— Rodamos o mundo atrás de um mapa de conto de fadas! Quer minha lealdade? Que pague à vista!

Cada palavra dele raspava como se tivesse engolido areia. A pele verde era esburacada como couro velho, e o cheiro... tão marcante quanto sua personalidade, extremamente desagradável.

— É, o capitão tá obcecado com essa lenda — comentou Burgaro Dentes.

— E tá perdendo o comando. Não sei se dá pra confiar no julgamento dele — continuou Corgy. — A gente precisa de ouro pra comer. E você sabe o que acontece quando um bando inteiro fica com fome.

Os barris secaram rápido, como se estivessem furados.

Enquanto o bando bebia para esquecer o dilúvio lá fora, Volt continuou no canto escuro, encarando a janela como quem espera a noite dar alguma resposta.

Haroldo Sombras se aproximou com um sorriso torto, do tipo que nasce da bebida ou da suspeita.

— Que cê tá tramando, hein, Volt?

Volt piscou, quebrando o silêncio pesado.

— Hã? Tá maluco?

— Você sempre foi chato pra caramba, mas hoje... —
Haroldo caiu ao lado dele, espalhando bafo de rum. — Já vi
esse olhar antes. Tem ouro nessa história? Tô dentro.

— Sai fora, Haroldo.

Haroldo não respondeu. O sorriso ainda preso na cara,
os olhos quase fechando.

Dormiu?

Se tinha algo a dizer, ficou boiando no fundo do copo.

Volt se afastou, deixando-o sozinho na cadeira, feito
uma sombra.

MENOS DE UMA HORA DEPOIS, todos os piratas estavam em seus postos no *Caveira Negra*. As velas, rasgadas como estandartes de guerra, se agitavam ao vento.

O convés rangia, tábuas velhas, cansadas daquele bando pisando em suas costas. A luz fraca das tochas não ajudava, só mostrava mais sujeira, sal e sangue.

— O Gruk perdeu a cabeça! — rugiu Burgaro.

— Faz tempo!

Um trovão partiu o céu em dois. No clarão, até os mais barulhentos ficaram quietos.

— Eu não achei que ia morrer tão cedo, pobre e cercado de piratas — zombou Haroldo, com a língua enrolada e um sorriso torto.

Gargalhadas ásperas ecoaram, enquanto o vento soprava mais forte, como se a própria tormenta zombasse de volta.

Sem tirar o sobretudo encharcado, Mãos de Espada entrou em sua cabine espaçosa. A luz fraca das lamparinas iluminava o mapa estendido sobre a mesa.

Gruk percorreu um traço com o dedo e aquilo parecia um caminho. Pegou a bússola ao lado, mas, quando voltou os olhos para o mapa, a rota já não parecia a mesma.

Apoiou as duas mãos na mesa, olhando para o papel mais tempo do que gostaria.

— Hm.

O *CAVEIRA NEGRA* DEIXOU A ILHA, engolido pelo nevoeiro. As velas escuras inflaram, enquanto a tripulação lutava para não ser arremessada.

Em meio ao caos, Volt se agarrava ao corrimão, espere-

mido entre caixas. Encarava a janela da cabine quando um cheiro insuportável escapou da latrina.

— Por que não tá ajudando no convés? — perguntou Burgaro, surgindo com um balde suspeito na mão.

Volt tampou o nariz.

— Dá pra jogar esse troço no mar?

Burgaro abriu um sorriso orgulhoso.

— Aquela pimenta da Ilha Fantasma. Sempre me deixa podre.

Sem cerimônia, arremessou o balde na água.

— Pois é, comigo também. Tava só esperando você sair.

— Então anda logo. Vê se não fica enrolando.

Assim que Burgaro se afastou, as luzes da cabine piscaram e se apagaram.

O coração de Volt disparou.

Com passos leves, avançou pelo convés encharcado. A tempestade desabava ao redor. Seus planos não.

A porta rangeu levemente ao abrir.

A luz fraca da janela recortava o mapa aberto sobre a mesa. Volt deslizou para dentro com cuidado.

Mal seus dedos tocaram o papel, passos ecoaram.

— A porta do chefe tá aberta?

— Estranho. Melhor fechar isso.

Uma sombra atravessou a fresta.

O brutamontes enfiou a cabeça na cabine, os olhos varrendo o lugar. A mesa. A janela. O mapa.

Estreitou os olhos, demorando um segundo a mais ali.

Nada.

A porta fechou com um clique seco.

Só então, duas botas surgiram debaixo da mesa, seguidas por um suspiro contido.

Volt se levantou devagar, enquanto os gritos lá fora atravessavam a madeira.

Com mãos trêmulas, enrolou o mapa às pressas e o enfiou num tubo dourado.

Por fim, saiu. Sem olhar para trás.

O MAR PARECIA DECIDIDO A RECOLHER seus impostos.

Assim que pisou no convés, o caos o atingiu de uma vez.

Mal teve tempo de erguer os olhos. Um barril veio rolando furioso.

Volt se jogou para o lado.

Haroldo não.

O impacto o arrancou do chão. O navio inclinou, e os dedos de Haroldo encontraram a amurada por um fio.

— Socorro!

Volt hesitou, encarando o mapa.

— Droga.

Disparou.

Agarrou o braço do pirata no último instante, sentindo o ombro estalar com o peso.

— Segura firme!

Com um puxão desesperado, Volt o arrastou de volta. Os dois caíram pesados num emaranhado de cordas.

Haroldo ofegava, tossindo forte, ainda com o gosto de sal na garganta. Então viu o brilho dourado.

— Você pegou o mapa? Ficou maluco?

Volt fechou a mão sobre o tubo. Um trovão rasgou o céu, iluminando os olhos esbugalhados de Sombras.

Quando o clarão cessou, Volt já não estava mais ali.

Poças estouravam sob suas botas. A madeira escorregava como um espelho traiçoeiro.

Seu coração batia na garganta, mas ele não podia parar.
Corria com o olhar cravado no bote quando uma perna atravessou seu caminho.

— Argh!

O queixo de Volt acertou o convés.

Os passos tortos de Corgy se aproximavam devagar.

— Onde pensa que vai com isso, seu imundo? —
perguntou, com os olhos amarelos fixos no mapa.

Volt tateava o chão. Madeira, cordas, lama. Até que seus dedos encontraram vidro.

CRAC!

A garrafa explodiu no rosto do Farejador.

— ARGH! Desgraçado!

DO OUTRO LADO, a porta da cabine estava escancarada. Gruk varria o convés com os olhos, transtornado.

Agarrou o primeiro pirata à frente.

Haroldo Sombras.

— Onde está o meu MAPA?!

— V-Volt! — gaguejou, apontando.

Uma veia saltou no pescoço de Gruk. Rosnando, avançou como um touro, derrubando homens e barris pelo caminho.

— Peguem ele, agora!

Volt se levantou aos trancos. O navio chacoalhou e o pé escorregou antes de se firmar.

Era agora ou nunca.

Se jogou contra a borda, sentindo o tubo esmagar sua cintura. Os dedos tremiam.

À frente, só o abismo escuro das águas.

— Desça daí, seu rato imundo! — rosnou Gruk. —
Entregue o mapa e terá uma morte rápida.

Volt olhou para o capitão, depois para o mar. O vento soprava mais forte e o medo travava sua garganta.

— Não seja tolo! — Gruk deu um passo.

Mas ele já tinha decidido.

Fechou os olhos e se lançou no vazio.

— VOLT!

O impacto arrancou o ar de seus pulmões, e a água fechou sobre sua cabeça.

Volt tateou a cintura.

Nada.

Mergulhou de olhos abertos no escuro turvo. O brilho afundava. Chutou para baixo e agarrou o tubo no último instante. Prendeu-o à cintura e forçou o corpo de volta à superfície.

O frio entrou nos pulmões antes do ar.

Uma onda o engoliu — e por um segundo ele não sabia mais para onde subir.

Algo o atingiu.

Escureceu.

CAPÍTULO 2

ILHA DE KOPPI

J á era fim de tarde quando três crianças corriam pela floresta como se o destino do mundo dependesse disso.

— Vamo logo! — gritou Oliver.

— Eu tô indo o mais rápido que consigo! — respondeu Querabin, ofegante.

Nala fez um bico, segurando uma tigela com cuidado.

— Pra que tanta pressa?

— O vovô vai contar a história sobre Cordinet!

Querabin piscou.

— Cordinet?

— Por que não falou isso antes? — emendou Nala, já disparando na frente.

Os três atravessaram a trilha iluminada por pequenos dragões de escamas cintilantes — sim, dragões mesmo. Não daqueles gigantes que soltam fogo, claro. Esses mal passavam do tamanho de um gato e preferiam ficar dormindo em galhos.

Quando saíram da mata, a praia se abriu diante deles. A

lua começava a subir, as ondas batiam preguiçosas, e o vilarejo de Koppi fazia o que fazia de melhor: celebrar.

O motivo? Não precisavam de um. Estar ali, reunidos, já bastava.

Nala correu pela areia, esticando os braços com a tigela, o molho quase voando.

— Mãe, tá aqui!

— Nala Devalle! — repreendeu Flora. — Pra que correr desse jeito?

— Desculpa! É que o Cocu vai contar uma história das boas!

Plínio, pai de Nala, abriu um sorriso.

— Aposto que é sobre Cordinet, não é?

— Sim!

— Deve ser um lugar incrível. Já ouvi falar que o vento lá congela até pensamento!

Plínio, como quase todo mundo em Koppi, não era de se aventurar, mas adorava viajar pelas histórias de Cornelius Puth, o Cocu.

Cocu conhecia cada canto de Tehko — ou pelo menos era o que ele fazia parecer. As rugas e os cabelos brancos? Só fachada. Ele ainda tinha mais energia que muito garoto.

Perto da fogueira, Oliver e Querabin, seus netos de coração, se acomodaram quase colados nele. Nala chegou logo depois, se jogando na areia.

Entre um estalo de lenha e outro, Cocu começou a contar sobre a vez em que se perdeu na neve, lá nos confins de Tehko.

Eles nem piscavam.

— Vocês acham que já sentiram frio? Eu já nem conseguia sentir as pernas.

— E como você escapou de lá, vô? — perguntou Oliver, animado.

— Ah, quando eu já não tinha mais saída, aconteceu uma coisa que eu jamais imaginaria.

Cocu fez uma pausa dramática.

— Eu vi um lobo de Cordinet!

— Tá brincando? — disse Nala, rindo. — Eles são mesmo tão grandes quanto dizem?

— Enormes!

— Eu li que o pelo deles pode mudar de cor dependendo de onde estão, sabiam? — disse Querabin, animado. — Ajuda eles a se camuflarem!

— Uau! Como eu queria ver um de perto! — disse Oliver, com aquela animação que parecia iluminar ainda mais sua pele dourada.

Por um momento, já estava longe — se imaginando o herói das histórias do avô... mesmo que o maior “vilão” que já tivesse enfrentado em Koppi fosse só um mosquito atrevido.

— Os pelos daquele lobo estavam tão brancos que sumiam na neve — contou Cocu. — Ele me guiou pelas montanhas até um vilarejo. Quando virei para olhar, já não estava lá.

Ele sorriu, fechando os olhos.

— O povo dali jurou que não viu nenhum lobo, nem pegadas. Mas eu vi. Sem ele, eu nem estaria aqui para contar essa história.

A fogueira estalou, e por um instante até os mais tagarelas ficaram em silêncio. Mas o silêncio em Koppi nunca dura muito.

— Mais uma coisa pra minha lista: encontrar um lobo de

Cordinet! — anunciou Oliver, saltando da areia como se tivesse molas nos pés.

A tal lista só crescia: “*ver um gigante*”, “*enfrentar um gléblun*” e, claro, “*ser o maior herói de Tehko*”, tudo isso espremido entre rabiscos e desenhos de espadas tortas.

— Anotado, vai logo depois de “*domar um dragão*” — disse Querabin, rindo enquanto fingia escrever num caderninho.

— Dragão? Por que não começa com o sapo esquisito que tá te encarando ali atrás? — disse Nala, com um sorriso de quem adora ver uma bagunça começar.

— Um sapo?! Cadê?!

E não é que tinha mesmo? Oliver disparou, levantando areia para todo lado. As risadas explodiram pela praia, ecoando entre as ondas.

E, como sempre acontece quando a gente está onde quer estar, a noite passou rápido. Sob o céu cheio de estrelas, eles foram se despedindo, com areia nos pés e sorrisos no rosto, prontos para sonhar.

NA MANHÃ SEGUINTE, o sol se espalhou sem pressa pela ilha, que, vista de cima, humm... parecia um coração. Ou um feijão verde, dependendo do ângulo.

Na Praia Dourada, as palmeiras balançaram só o suficiente para dizer “*bom dia*”. Foi ali que Oliver e Nala se encontraram.

Alta, de cabelos negros, Nala era a mais velha entre cinco irmãos. O que, segundo ela, já era um feito digno de lenda.

Sabia manejar a espada como ninguém, mas o que a tornava especial era o jeito como enfrentava o mundo: sem medo.

Quase nenhum, na verdade. Animais ferozes? Tranquilo. Trilhas arriscadas? Moleza. Tempestades? Traz mais uma. A única coisa que fazia um arrepio subir pela espinha eram as broncas da mãe.

Ao som das ondas, as espadas de madeira se cruzaram.

— Preparado pra beijar a areia? — provocou Nala, com um sorriso travesso.

— Você vai se arrepender de subestimar o mestre de Koppi! — gritou Oliver, disparando ao vento.

Dois passos. Um giro. E Nala já tinha desmontado o ataque. Com outro movimento rápido, quase preguiçoso... PUF!

Oliver tropeçou e beijou a areia... mas com estilo.

Enquanto os amigos treinavam, Querabin — Quibi para toda Koppi — estava um pouco afastado, mergulhado em um livro sobre Rokum, uma floresta mística onde quem entrava... bem, era melhor nem entrar.

Tão concentrado que, se o mundo desabasse, só notaria no próximo capítulo. Mas quando ergueu o olhar... algo o fez congelar.

Uma sombra estranha boiava no mar.

Quibi estreitou os olhos, tentando decifrar o que via. Por um instante, achou que fosse imaginação.

Mas não.

— Oliver! Nala! Tem alguém ali! — gritou ele.

Oliver e Nala trocaram um olhar rápido, tenso. Não havia tempo para pensar.

Num pulo, correram para a água.

As ondas batiam forte, puxando seus pés como se quisessem prendê-los. Cada passo era uma luta. Eles tropeçaram, mas seguiram até que o chão desapareceu.

Agora era só braço e fôlego, contra o mar.

— Pega ele! — gritou Nala.

— Tô tentando! — respondeu Oliver, engolindo água.

Cada braçada fazia o homem pesar o dobro. Os músculos ardiam, os braços queimavam. Uma onda mais forte os empurrou para trás, quase os virando, mas resistiram.

Quando os pés tocaram a areia de novo, Quibi já corria em direção a eles. Juntos, puxaram o homem para um ponto seguro, onde o sol batia forte.

— Ele tá vivo?

— Não sei!

Com o coração disparado, Oliver se ajoelhou e pressionou o peito do desconhecido.

Uma vez. Duas. Três.

— Ele não tá reagindo! — disse Nala, mexendo as mãos sem parar.

— Força, Oliver! — gritou Quibi.

Oliver pressionou de novo, as mãos tremendo.

Por favor, abre o olho.

De repente, o corpo deu um tranco violento, como um peixe fora d'água. O homem tossiu, cuspiendo o mar preso na garganta.

Piscou contra o sol e viu três jovens assustados, curiosos como gatos. Levou um segundo para entender onde estava, e a mão correu instintivamente para a cintura, onde um tubo dourado seguia amarrado.

Um suspiro pesado escapou, e o homem desabou na areia quente.

CAPÍTULO 3

DOCE DE KOTTI

Leonard Volt abriu os olhos lentamente. Estava deitado numa cama tão macia que parecia engolir seu corpo.

Pela janela, o sol entrava suave, fazendo as cortinas dançarem como se quisessem chamar sua atenção.

— Eu morri? — murmurou, com uma risada rouca. — Se morri, o paraíso tem um ótimo gosto.

Espreguiçou-se, ainda meio atordoado, e arrastou os pés até a porta.

Quando girou a maçaneta, o cheiro doce de bolo recém-saído do forno se misturou ao do mar.

— Você realmente teve sorte, rapaz — disse um senhor de cabelos brancos, com um sorriso calmo. — Poucos voltam de algo assim.

Ele estava no *Aconchego das Ondas*, a pousada de Cori, um recanto famoso em toda Koppi. O dono, de camisa florida, era um velho amigo de Cornelius.

Leonard caminhou até o bar, onde um coco fresco parecia chamá-lo pelo nome.

— Beba isso, vai te colocar de volta ao mundo dos vivos
— disse Cori.

— Obrigado! — respondeu Leonard, pegando a bebida como quem segura um tesouro.

— Foi uma sorte danada a Nala e os netos do Cornelius estarem por lá. Mais uns minutos e... bom, melhor nem pensar nisso.

Leonard só acenou.

Depois de mais um gole, levantou-se e foi até a janela. A vista parecia tirada de um sonho.

— Já rodei por muitos cantos, mas um lugar desses não se vê todo dia — disse, com o olhar perdido na beleza lá fora.

Koppi era viva. O sol fazia a água cintilar, as palmeiras dançavam, e havia um cheiro de frutas no ar que, por algum motivo, dava vontade de sorrir.

— Sim, Koppi tem esse efeito nas pessoas. Basta pisar aqui uma vez para nunca mais esquecer.

Leonard respirou fundo.

— Você parece ter vindo de longe. Qual é a sua história?
— perguntou Cori, secando um copo.

Volt deu um sorriso que guardava mais perguntas do que respostas. Esvaziou o coco e disse:

— História longa demais. Quem sabe outro dia.

Desviou o olhar, coçando a nuca.

— Obrigado pela ajuda. Posso fazer algo pra retribuir?

— Não se preocupe. Primeiro, se recupere. Depois, pode me ajudar com umas coisas por aqui.

— Fechado. Eu sou Leonard Volt.

Ele estendeu a mão.

— Cori. Cori Carvalho.

Depois do aperto, Leonard deixou o bar, com o eco do mar ainda nos ouvidos.

. . .

KOPPI DESPERTAVA AOS POUCOS.

O canto dos passarinhos se misturava às primeiras risadas. As ruelas estreitas serpenteavam como veias, levando até a *Praça das Palmeiras*, o coração da ilha.

A manhã parecia tranquila. Volt não.

Andava olhando por cima do ombro. Ao virar a esquina, um barulho seco o fez parar.

Passos.

A respiração travou.

Espiou pela quina da parede, o corpo já inclinado para a fuga...

Mas eram só crianças correndo. A maior ameaça que ofereciam era acabar com os doces da feira antes do meio-dia.

Ele soltou o ar devagar.

Ainda varreu a rua com os olhos. Conferiu uma esquina. Depois a outra.

Só então baixou um pouco os ombros.

DO OUTRO LADO DA ILHA, Cocu chegava à pousada de Cori, como fazia todos os dias, quase no mesmo horário.

— O rapaz já acordou? — perguntou, espiando pela entrada.

— Acordou, sim. Está dando uma volta por aí.

— Humm... ele contou alguma coisa? Digo, como veio parar aqui daquele jeito?

— Só disse que é uma longa história. Mas pelo menos revelou o nome: Leonard Volt.

— Volt não é nome comum por essas bandas.

Cori pousou o copo na bancada.

— O rapaz quase morreu afogado, Cornelius. Queria que eu perguntasse até o tamanho das roupas?

Cocu franziu a testa.

— Não sei... meu nariz de velho raramente falha. E esse rapaz tem cheiro de problema.



MAIS TARDE, Leonard já estava há horas sentado no *Coqueiro Torto*, uma estalagem escondida no centro de Koppi. O prato ao lado estava vazio, e a caneca, esquecida.

Fitou o mapa por mais tempo do que gostaria. Já era a terceira vez que seguia o traço com o dedo e terminava em um ponto diferente.

— Como isso é possível? — murmurou, aproximando a lamparina do papel.

A chama tremulou sobre o desenho.

O mapa vibrou sob seus dedos como se respirasse.

— Mas o quê...

As linhas apagadas ganharam um brilho dourado. Moviam-se devagar pela folha, como ouro recém-polido.

Ele mal respirava, hipnotizado.

Até que alguém tropeçou na mesa. O mapa quase voou.

Volt ergueu-se rápido demais e agarrou o rapaz pelo colarinho.

— O que pensa que está fazendo?

O atendente empalideceu.

— D-desculpa! Foi sem querer!

Leonard piscou. Soltou o rapaz devagar e passou a mão pelo rosto.

Ao redor, alguns clientes o encaravam com olhos arregalados; outros preferiram olhar para o chão.

Ele guardou o mapa com cuidado e saiu, deixando as portas de madeira balançando.

BASTOU PISAR do lado de fora para o cheiro de canela e açúcar invadir o ar. À frente, barracas lotadas de doces de Koti quase gritavam para os passantes: *“Venham provar essa maravilha!”*

Entre o vai e vem, Leonard notou uma mulher baixinha e robusta, acenando sem parar.

Era Flora Devalle.

— Você não é o rapaz que a Nala encontrou na praia? É um milagre te ver andando!

— É, eu tive muita sorte — respondeu, com um sorriso tímido.

— Mas você ainda está meio pálido! Precisa de alguma coisa?

Ele piscou, surpreso.

— O-obrigado, mas o Cori já me ajudou muito.

— Então, pelo menos prova isso, vai te deixar novo em folha! — ela insistiu, estendendo um doce roxo que parecia brilhar por dentro. — É feito de Koti, uma fruta que só tem aqui em Koppi.

Leonard mordeu e... CRAC! A casquinha fina quebrou como uma joia, revelando um recheio cremoso e ácido que explodiu na boca.

— Hm. Uau! Isso é uma das...

Antes que terminasse, Flora girou o pescoço de repente.

— Hugo! Lilo! Onde é que acharam isso?

Virou-se para Leonard, com um sorriso constrangido.

— Desculpa, moço. Crianças, sabe como é.

Atrás dela, os filhos travavam uma batalha épica, puxando um arco de madeira.

Flora saiu decidida a salvar a peça. Dava pra jurar que o avental voou para as costas, quase como uma capa?

Ela puxou de um lado, os irmãos do outro. Suor pela testa. Dentes cerrados. Talvez tivessem esquecido que aquilo era velho, muito velho.

A disputa não durou muito.

O arco cansou do drama, como quem diz: *“Tão brincando comigo?”*

Então... **TÓIN!**

Decidiu se aposentar ali mesmo, partindo-se num estalo seco.

Leonard congelou no meio da mordida e, quando piscou, eles já estavam no chão.

Risadas ecoaram pela feira.

Flora e os filhos? Olhavam pro arco, como se ele fosse o culpado.

— Não acredito! Nala vai ficar furiosa! — exclamou Flora. — Vocês estão de castigo, me ouviram?

Ela saiu arrastando os pequenos, que se apontavam, um culpando o outro, claro. Mas convenhamos, essa técnica não funciona com uma mãe de cinco filhos.

Flora deu um último suspiro, olhando para o estrago.

Bem, já tava na hora disso aí virar lenha, pensou.

Leonard soltou uma risada e voltou ao doce. Talvez Koppi não fosse o pior lugar para se perder.



NO FIM DA TARDE, a Praça das Palmeiras parecia um teatro ao ar livre, com Oliver Puth no papel principal. Do alto de uma caixa, ele contava seu último “*ato heroico*”, em que, segundo o próprio, quase perdeu um braço salvando um homem das garras do mar.

As crianças nem piscavam. Parecia o melhor capítulo do livro favorito delas.

Num banco próximo, Nala apoiava o rosto na mão com aquele olhar de “*me acordem quando isso acabar*”. Ao notar Quibi chegando, acenou com um sorriso que era, claramente, um pedido de resgate.

— Já é a terceira vez que ele conta essa história — bufou ela.

Mas, ao reparar no amigo tremendo, com suor escorrendo pela testa, brincou:

— Nossa, Querabin, você vai evaporar?

— Hã? — Quibi piscou, voltando devagar.

— Viu algum fantasma por acaso?

— Preciso te contar uma coisa muito séria — disse ele.

— Mas você não pode falar pra ninguém!

As sobranceiras de Nala se ergueram.

— Tá bom, tá bom! Agora, desembucha.

Naquele instante, Oliver encerrava sua história. A praça se encheu de aplausos e gargalhadas. Ele, claro, fez uma reverência exagerada e foi se juntar aos amigos.

— Uau, Quibi, te falei pra parar com esses contos de terror. Depois não vem dizer que a cama molhada é culpa do calor.

Os dois riram. Quibi não. Estava pálido, com a cara de quem viu um monstro da Fortaleza Suja.

— Tá, muito engraçado.

— Shh! Agora ele ia contar um segredo! — disse Nala, curiosa.

— Uh! Nada como um bom segredo. — Oliver se ajeitou animado.

Quibi olhou ao redor, tenso.

— Hoje cedo, o vovô me pediu pra devolver um pote de iscas que pegou emprestado do Cori. A pousada estava vazia, então deixei o pote no balcão. Mas, no corredor, eu vi uma porta aberta. Era o quarto daquele homem...

Os olhos de Nala e Oliver se arregalaram.

— Ele tava dormindo pesado. E aquele tubo dourado da praia estava lá. Eu sei que não devia... — Quibi engoliu seco. — Mas eu abri.

— Não... — Oliver pulou. — E o que tinha dentro?

— Um mapa. Bem antigo.

— Um mapa?!

— Não consegui ver direito. Fiquei com medo dele acordar e corri.

— Querabin! — Nala riu, batendo no ombro dele. — Não sabia que você tinha essa coragem!

— Precisamos voltar lá! — disse Oliver.

— Uuuh, isso ia ser divertido. — Nala gostou da ideia.

— Nem pensar! — Quibi recuou. — Aquilo foi assustador, e disseram que ele já acordou. Será que ele sabe o que eu fiz?

— Relaxa, ele devia estar sonhando! — Oliver sorriu maroto. — Já pensou? Um mapa do tesouro? Aqui em Koppi?!

— Seria incrível! — completou Nala.

Os três se entreolharam, elétricos. Até o ar parecia diferente, como se a ilha escondesse um grande mistério bem debaixo dos seus narizes.



KOPPI JÁ BOCEJAVA.

As luzes dos postes piscavam sonolentas, prontas para dormir, e um silêncio confortável tomava conta das ruas.

Com os pés cansados, Leonard seguia para a pousada quando viu, no meio da penumbra, uma charmosa biblioteca ainda acesa e decidiu fazer uma última parada.

Passara o dia inteiro encarando símbolos estranhos e palavras exóticas, e o mapa continuava tão misterioso quanto de manhã. Precisava de algo que o ajudasse a decifrá-lo.

Assim que atravessou a porta, notou a placa gasta no balcão: "*Cornelius Puth*".

— Que maravilha de lugar você tem aqui — comentou ele, ao ver Cocu.

— Vejo que está recuperado. Em que posso ajudar?

— Ouvi dizer que foram seus netos que me encontraram. Sou muito grato a vocês. Me chamo Leonard.

Cocu acenou com a cabeça e deu um sorriso breve.

— Prazer, Leonard. Sou Cornelius — respondeu, já empilhando livros. — Mas estamos quase fechando. Está tarde, preciso jantar com meus meninos.

— Entendo sua pressa. Serei breve.

No andar de cima, alguém prendeu a respiração.

Quibi parou no meio do corredor.

Sabia. Ele descobriu!

Olhou para os lados e, num pulo, se jogou atrás de uma estante.

Seria uma grande ideia... se metade do corpo não tivesse ficado de fora.

— Estou procurando um livro sobre... Trôntor — disse Leonard, com aquela pausa dramática.

“Trôntor?!”

Um arrepio percorreu a espinha de Quibi.

Ele se arrastou até o parapeito, espiando entre as prateleiras. A luz suave fazia o tubo dourado brilhar, como se quisesse roubar atenção.

— Trôntor é apenas uma lenda — respondeu Cocu, impaciente. — Não creio que tenhamos nada sobre isso por aqui.

Quibi não se aguentou.

Desceu as escadas correndo, quase tropeçando:

— Temos, sim, vovô! — disse, levantando um livro empoeirado como se fosse um troféu.

Leonard e Cocu se viraram, surpresos, encarando o garoto. Volt pegou o livro com uma pressa quase exagerada.

— Ah, obrigado... quero dizer, por isso e por me salvar também.

— Não há de quê. Nesse volume tem tudo sobre Trôntor, inclusive os tesouros perdidos.

Leonard perdeu a cor.

A palavra “tesouros” ficou suspensa no ar.

A mão tocou o tubo, rápido.

Tentou manter o sorriso no rosto, enquanto o estômago se apertava.

— Ótimo, maravilha! Tava precisando de uma boa leitura pra... passar o tempo — disse, já dando um passo até a porta. — Bom, sei que estão para fechar, então vou indo.

Em silêncio, Cocu o acompanhou até a saída. O clique do fecho soou alto demais na sala.

— Onde você encontrou esse livro? — perguntou, estreitando os olhos pro neto.

— Na... última prateleira. Lá no fundo — respondeu Quibi, hesitante.

Mas, na verdade, o livro estava num baú empoeirado, bem escondido atrás de caixas. Quibi só o encontrou porque esbarrou nele.

— Humm... — Cocu coçou o queixo. — De qualquer forma, você não devia ter emprestado pra ele. Sinto que há algo estranho nesse sujeito.

O garoto sentiu um frio na barriga. Era raro ver o avô tão sério.

DEPOIS DE TRANCAREM AS PORTAS, Cocu e Quibi seguiram para casa, sob uma noite salpicada de estrelas.

No caminho, pequenos Dragões de Koppi iluminavam a mata, criaturinhas de olhos enormes e escamas luminosas. Assobiavam melodias tão leves que pareciam fazer a floresta cantar.

— Vovô, o Oliver disse que viu a Onça Dourada passando por aqui. Acredita?

Cocu soltou uma risada.

— Claro que ninguém levou isso a sério. Mas eu acredito.

— Vai ver ela só aparece pros teimosos.

Ele piscou para o neto, que sorriu.

A trilha os levou até a Grande Árvore, uma gigante de corpo largo e raízes que pulsavam luz azul, como se a alma da ilha nascesse ali.

— Tem uma lenda que diz que a Onça mora aqui. Já imaginou?

— Seria um lar majestoso, sem dúvida — respondeu Cocu, ajeitando os óculos.

De longe, as casinhas de madeira, com telhados tortos, cintilavam entre as árvores, que pareciam se espreguiçar depois de um longo dia.

Quando se aproximaram de casa, Oliver já pulava na varanda, acenando sem parar.

— Por que demoraram tanto? Tô faminto!

— Foi uma tarde... interessante — disse Quibi, com um sorriso misterioso.

— Podemos falar disso depois do jantar, né?

Oliver atravessou a porta como um furacão. Quibi e Cocu trocaram um olhar divertido ao vê-lo cruzar a sala num pulo.

— O que falei sobre correr pela casa? — Cocu suspirou, pendurando a capa e o chapéu pontudo. — Já lavou as mãos?

— Tô indo!

A casa dos Puth era daquele tipo que parecia sorrir para quem entrava. A lareira estalava baixinho, e a mesa vivia tomada por livros e brinquedos largados no meio de alguma aventura urgente demais para esperar.

Enquanto Oliver esfregava a terra dos dedos, Quibi já estava na janela, ajustando a luneta. Ele nunca resistia às primeiras estrelas da noite.

— Meninos! — chamou Cocu. — O que acham de sopa de legumes para o jantar?

— Sopa de legumes, de novo? — Oliver fez uma careta, mas logo se rendeu: — Ah, fazer o quê? Eu topo!

— Eu também — disse Quibi, sem tirar os olhos do céu.

Cocu sorriu e seguiu para a cozinha, um dos charmes da casa. Movia-se ali como quem dança uma música que não conhece, sempre esquecendo algum ingrediente. O forno a lenha, quando não queimava pão, torrava seu ego.

Enquanto o avô brigava com as panelas, os meninos se sentaram na sala. O estalar da lenha criava o cenário perfeito para Quibi sussurrar os segredos da tarde.

— Aquele homem, Leonard, passou na biblioteca hoje.

Oliver arregalou os olhos.

— Não me diga que ele descobriu que você bisbilhotou o quarto!

— Não, quer dizer... acho que não — disse, chegando mais perto. — Ele estava com o mapa. E pediu um livro sobre Trôntor.

— Trôntor? O que é isso?

— Já te falei! A lendária cidade dos magos, lembra?

E assim, com o estalar da lareira e o cheiro do jantar tomando conta da casa, Quibi começou a contar a *Lenda de Trôntor*, levando Oliver para um lugar onde magia e história se misturavam como velhos amigos.



CAPÍTULO 4

ALENDA DE TRÔNTOR

“Imagine um lugar onde as casas trocavam de cor durante o dia, como quem se ajeita para dormir. Nas esquinas, estátuas falantes recebiam os visitantes e até faziam piadas.

Procurando poções? A Rua dos Guarda-Chuvas era o lugar certo. Uma delas prometia te deixar invisível, ainda que só por um minuto.

Até os doces eram uma atração à parte. Caramelos Sussurrantes: quem comia soltava um segredo, mesmo que tentasse resistir.

Esse lugar existia. O nome dele era... ***Trôntor!***

Por lá, os Cabeça de Fogo e os Cascudos estavam por toda parte. E antes que você pergunte quem eram, eu te digo: Magos!

Claro, esses eram apelidos divertidos para quem dominava o fogo ou a água.

E não parava por aí: tinha quem flutuasse, quem virasse fera mística, e até magos que podiam falar só com a mente.

Em Trôntor, a magia não só existia: ela tinha endereço.”

. . .

OLIVER ESTAVA com a boca tão aberta que parecia ter esquecido como fechá-la.

— Tá tudo bem? — perguntou Quibi.

— Tá brincando?! Esse é o lugar mais incrível do mundo! E... Magos?! Você tá dizendo que eles existiam de verdade?

— Exato! Muita gente não acredita, mas eu tenho certeza!

— E onde é que fica essa cidade? — perguntou Oliver, já querendo fazer as malas.

— Bom, é aqui que entra a parte da “lenda”.

“A CIDADE se preparava para a Festa das Estrelas, um dos dias mais importantes para Trôntor. Na Praça dos Vagalumes, lanternas flutuantes eram testadas, músicos afinavam instrumentos e as tendas coloridas já disputavam espaço entre si.

— Está ficando lindo, não está? — disse Margarida Carvalho, com um sorriso que parecia iluminar a rua.

— Maravilhoso, Mag — respondeu Percius Luthon, ajeitando os óculos. — Esse será um dos melhores festivais do ano.

Eles caminhavam entre as barracas, cumprimentando os visitantes que chegavam aos montes para falar com os magos do conselho.

Perto da arena do torneio, algo chamou a atenção dos dois.

Um jovem treinava arco e flecha. E, ao que tudo indicava, o alvo não tinha a menor chance.

— O garoto é bom, não é? — comentou um senhor ao lado.

— É... bota bom nisso — murmurou Percius.

— O nome dele é Ridus Claraluz.

Assistiram a mais um disparo perfeito, antes que passos apressados ecoassem pela praça.

— Percius! Galark está causando problemas de novo, no Maíki Dojo! — disse um jovem, ofegante.

O sorriso desapareceu.

— Não é possível. Isso já está saindo do controle — suspirou Margarida.

— Eu vou até lá, agora.

Naquela manhã, antes mesmo do sol tocar as torres, Hugo Galark já tinha chegado ao pátio da escola.

Um garoto, ainda com rosto de criança, mal conseguia manter uma chama acesa na palma da mão.

— De novo.

— Mestre, eu estou cansado...

— O inimigo não vai esperar você descansar.

A chama tremia.

O garoto também.

Com olheiras profundas, Galark encarava os aprendizes como se estivesse vendo algo além deles.

— Vocês precisam estar preparados. Não podemos deixar que a paz de Trôntor nos cegue.

Ele se aproximou do menino.

— De novo.

O silêncio caiu sobre o pátio. Só vento arrastando as folhas ousava fazer som.

— Estão todos dispensados. — A voz ecoou firme.

Era Percius.

Os jovens não esperaram uma segunda ordem. Saíram correndo, como se o chão estivesse quente demais para ficar.

Percius caminhou até o centro do pátio.

— O que pensa que está fazendo, Hugo? São apenas crianças. Onde está o professor?

— Foi dispensado. Não estava apto a ensinar o que eles precisam saber — respondeu Galark, com o queixo erguido. — Nós, magos, temos o dever de combater o que virá da Névoa Sombria.

Percius suspirou.

— De novo essa visão? Eu já cansei de te defender. Nem o conselho quer mais ouvir essa história.

Os olhos de Galark endureceram.

— Eles sempre foram inúteis. Só se preocupam com festivais e bobagens. Precisamos liderar Trôntor, não entretê-la.

Percius ajustou os óculos.

— Já chega, Hugo. Você não pisa mais aqui no Dojo.

Galark o encarou por um instante longo demais. Depois virou as costas e atravessou o pátio, sem pressa.”

NA SALA, Oliver se ajeitou na cadeira.

— Nossa, mas de que esse Galark tinha tanto medo?

Quibi demorou um segundo antes de responder.

— Ninguém sabe ao certo. Alguns diziam que ele tinha visões: Tehko em chamas, torres destruídas. Um mal vindo de além da Névoa Sombria.

Oliver arregalou os olhos.

— Mas a maioria achava que ele simplesmente tinha perdido o juízo.

— Eu voto na segunda opção.

Quibi balançou a cabeça.

— Ele não ligava para o que diziam. A cada semana surgia uma nova regra...

“POUCO A POUCO, as histórias de Galark começaram a ganhar força, e Trôntor começou a mudar.

Guardas extras passaram a patrulhar as torres, sempre atentos, e os treinos no Dojo se estendiam além do pôr do sol.

Portas eram trancadas mais cedo e conversas baixavam de tom quando alguém mencionava a Névoa.

Na Praça dos Vagalumes, magos discutiam aos gritos.

— Estamos vivendo em terror por causa das ideias de um maluco? Ele está acabando com a nossa paz!

— Perderam o juízo? Ele é o único que pode nos salvar do que vem da Névoa! — retrucou alguém, erguendo a tocha.

Os vagalumes que costumavam surgir àquela hora não apareceram.

NUMA TARDE, um mago desesperado enfrentou Galark na Travessa dos Dragões.

— Pra onde você levou meu filho, seu desgraçado?!

Galark o encarou sem mudar a expressão.

— Seu filho precisa aprender o que Trôntor não pode ensinar. Foi enviado para Dhormum, assim como outros. Lá vai passar anos treinando. Disciplina de verdade.

Um murmúrio de espanto percorreu a rua. Gritos tímidos começaram a surgir.

— Você mandou meu menino para a Ilha das Sombras?

— A voz do mago falhou, mas seus olhos queimavam. — Eu vou acabar com você!

Ele avançou, conjurando uma espada de gelo que cintilou sob o sol da tarde.

Galark não recuou.

Quando a lâmina se aproximou, ele apenas ergueu a mão.

A sombra aos seus pés se estendeu como um rasgo no chão. Num instante, ergueu-se como vapor negro e envolveu o corpo do mago.

O gelo se estilhaçou, lançando o pai contra a parede.

Ele desabou no chão, desacordado, e por um segundo ninguém respirou.

Galark baixou a mão devagar.

— É exatamente por isso que precisamos estar preparados.

A praça explodiu em caos.

Capas se agitavam no ar enquanto magos corriam para todos os lados.

Algo tinha sido quebrado ali.

NAQUELA NOITE, o *Círculo de Trôntor* se reuniu a portas fechadas.

O salão estava iluminado por cristais suaves, mas ninguém parecia enxergar luz alguma.

— Esse homem enlouqueceu! — esbravejou Bartolomeu Folhas. — Enviar crianças para “treinar” em Dhormum? Desde quando isso é preparação?

Ele virou-se para Percius.

— Como você permitiu isso?

Percius manteve o olhar baixo por um instante.

— Eu não sabia. Estava em Goldes. Voltei esta tarde. — Respirou fundo. — Amanhã, ao amanhecer, irei buscar cada uma delas.

— Não são só as crianças — acrescentou Margarida, tensa. — Ele enviou soldados para patrulhar a Névoa Sombria de perto. Está agindo como se estivéssemos em guerra.

Silêncio.

Hildora Pena, que até então permanecia quieta, levantou-se devagar.

— Já tentamos ajudá-lo. Já tentamos ouvir. Mas isso deixou de ser medo. Virou obsessão. — Ela olhou para os outros. — Ele não tem mais condições de permanecer neste conselho. Ou nesta cidade.

Bartolomeu foi o primeiro a erguer a mão.

— Eu voto pelo banimento.

Hildora ergueu a sua. Margarida também.

O olhar de todos recaiu sobre Percius.

Ele fechou os olhos por um segundo longo demais. Quando os abriu, a decisão já estava tomada.

— Está decidido. Hugo Galark está banido de Trôntor.

Ninguém comemorou.

Quando as portas se abriram, Galark já estava deixando a cidade sob o manto da escuridão.

Antes de partir, olhou para as torres iluminadas uma última vez.

Não havia arrependimento em seu rosto — apenas a certeza de que estavam cometendo um erro.”

— ESSE GALARK ERA ASSUSTADOR!

— Assustador é pouco. Mas a história dele não terminou ali. Vagando por terras esquecidas, ele encontrou magos caídos, mercenários e criaturas famintas por sangue. Ergueu um exército, não porque queria poder, mas porque acreditava que precisava continuar lutando.

Oliver engoliu em seco.

— O conselho sabia que precisaria proteger Tehko. Então criaram armas mágicas!

— Armas mágicas?!

— Isso mesmo! Com as sombras de Galark se espalhando, eles decidiram criar artefatos tão poderosos que só poderiam ser usados em último caso...

Oliver se inclinou para frente.

— E o que eles criaram?

— Antes de falar o que criaram, vou te contar quem eles eram! — Quibi abriu um sorriso animado. — Começando pelo meu favorito: Ridus Claraluz, o mago dourado.

Ridus Claraluz

“CERTA TARDE, a Rua das Plumas estava lotada quando o caos começou.

Uma dezena de mercenários do deserto surgiu entre as barracas, derrubando tendas e espalhando areia pelo chão.

Uma vitrine se estilhaçou.

Arrastavam um jovem para fora do banco, puxando-o pela capa, quando um brilho riscou o ar.

— Nem mais um passo! — Uma voz ecoou no fundo da rua.

Os mercenários se viraram rápido, sacando os sabres.

Ridus Claraluz avançava, a capa clara ondulando atrás de si.

Dois mercenários correram em sua direção.

— Lunin! — comandou ele.

Um clarão dourado explodiu de suas mãos, lançando os dois contra as barracas.

Os outros ladrões hesitaram.

Estavam enfrentando alguém que não pretendia recuar.

Encararam o mago por mais um segundo.

Então, sumiram às pressas.

Quando a poeira baixou, Ridus já estava ajudando o jovem a se levantar.

Percius e Bartolomeu viraram a esquina correndo, prontos para conjurar feitiços, mas pararam ao ver a rua já silenciosa.

— Onde estão? — murmurou Bartolomeu.

Ridus deu um meio sorriso, tentando recuperar o fôlego.

— Devem ter decidido que hoje não era um bom dia para causar problemas.

Percius observou o jovem por um instante.

— Você é Ridus Claraluz, não é?

Ridus piscou, surpreso.

— Você... sabe meu nome?

— Difícil não saber. A cidade toda fala sobre o novo campeão do Torneio das Plumas, que não errou um disparo sequer.

Ridus coçou a nuca, meio sem jeito.

— Ah, eu tenho treinado bastante.

— Está sendo modesto, rapaz. Foi um prazer ver alguém derrotar aquele tricampeão metido — acrescentou Bartolomeu.

Percius sorriu.

— Muito obrigado pelo que fez hoje, Ridus.

Foi ali que perceberam que aquele jovem não era apenas talentoso.

Era alguém de que a cidade precisaria.”

— POUCO TEMPO DEPOIS, Ridus foi convidado a entrar no conselho, tornando-se o membro mais jovem da história.

— Que demais! — disse Oliver, impressionado. — Mas espera. Ele lançou aquele golpe só com as mãos?

— É! E não só isso. Ele também podia flutuar e levitar objetos. Mesmo jovem, já era um dos magos mais poderosos de Trôntor!

— Uau!

Quibi baixou a voz.

— Quando as sombras de Galark começaram a se espalhar por Tehko, Ridus, com a ajuda do lendário *Mestre Tortu*, forjou sua arma definitiva.

Ele sorriu.

— ***Yellum, o Raio Dourado!*** Um arco mágico cujas flechas eram rápidas demais para os olhos.

— Um arco mágico?! — Oliver se levantou. — Quero só ver a cara da Nala quando ouvir isso!

— Ela já sabe! Até sonha com esse arco — disse Quibi, soltando uma risada divertida.

De algum lugar da cozinha, a voz de Cocu se elevou:

— Meninos, a comida está quase pronta!

O cheiro na casa denunciava: os legumes já tinham passado do ponto. Mas, com a barriga roncando daquele jeito, quem ligava? Legumes torrados pareciam banquete.

— Tá legal, vô! — disse Oliver.

Quibi limpou a garganta e continuou:

— Como eu estava dizendo, agora é a vez de uma das magas mais respeitadas de Tehko.

Hildora Pena

“HILDORA ATRAVESSAVA a Alameda dos Sinos quase correndo, um livro enorme preso debaixo do braço. Os cabelos cacheados saltavam no ritmo dos passos.

Quando virou a rua, Percius já a esperava diante da oficina.

— Eu encontrei! — disse ela, ainda ofegante.

— Mesmo? — perguntou ele, tentando conter o sorriso.

Hildora entrou apressada, afastando frascos e ervas secas da mesa abarrotada. Folheou o livro quase rasgando as páginas e parou com o dedo firme sobre um trecho.

— O último elemento. O Orvalho da Meia-Noite.

Os olhos dela brilharam.

— Com isso, a Protekum finalmente fica pronta.”

QUIBI ERGUEU O DEDO, animado.

— A Protekum era um escudo mágico. Um domo de energia capaz de envolver uma cidade inteira.

— Como uma bolha gigante?

— Isso mesmo. Gigante — disse Quibi. — Só tinha um problema. O Orvalho da Meia-Noite só nascia na Floresta Proibida.

— Pode esquecer! Eu não pisaria lá sozinho.

— Nem eu. Mas Hildora não estava sozinha — contou Quibi, sorrindo. — Ela teve ajuda do povo de Cordinet... e dos lobos gigantes, claro!

“NA FLORESTA PROIBIDA, o ar era úmido e pesado. Os caminhos se cruzavam sem lógica, como se a mata tivesse vontade própria.

Hildora caminhava devagar, deixando o cheiro da flor guiar seus passos.

— Está por aqui... — disse ela, respirando fundo.

Os guerreiros de Cordinet avançavam atentos, espadas erguidas, enquanto os lobos farejavam o vento.

Mais à frente, a mata se abriu numa pequena clareira.

No centro, uma árvore de tronco branco brilhava suave no breu da noite. Hildora se aproximou com cuidado e, por uma fenda, viu o ramo de flores laranjas reluzindo como brasas.

O Orvalho da Meia-Noite.

Ela estendeu a mão.

Antes que seus dedos tocassem as pétalas, um dos lobos ergueu a cabeça.

Um rosnado baixo vibrou e os guerreiros trocaram olhares.

Algo se moveu na escuridão.

Sombras verdes.

— Estamos cercados! — gritou um deles.”

— VOCÊ TÁ BRINCANDO?! — Oliver pulou da cadeira, já empunhando a espada de madeira. — Sombras verdes? Eram glébluns?!

Quibi fez suspense.

— Sim. A floresta estava infestada deles.

— Ah não... — Oliver fez careta. — Já ouvi dizer que eles temperam comida com chulé, sabia?

— Que nojo!

— É! Imagina o cheiro da casa deles.

Os dois riram, enquanto Cocu chamava da cozinha:

— O banquete está servido!

Eles nem ouviram.

— E o que aconteceu? Eles escaparam? Pegaram o Orvalho?

“HILDORA ARRANCOU o ramo e o guardou na bolsa.

— Vamos! — gritou.

O grupo avançou mata adentro.

Mas os inimigos eram rápidos. Lançavam flechas e lanças aos montes.

Sombras surgiam entre as árvores, cada vez mais perto.

Estavam por toda parte.

Até que o cerco se fechou.

A floresta ficou estranhamente quieta.

— Acabou — disse um gléblun, surgindo com um sorriso torto. — Ué, os lobinhos de vocês fugiram, feiosos?

Hildora abraçou a bolsa.

Folhas voaram.

Então... uivos explodiram.

Os lobos de Cordinet saltaram das sombras direto sobre os monstros, com presas e garras.

Os inimigos não conseguiam vê-los. Os pelos camuflados se confundiam com a mata.

O grupo aproveitou a brecha e, quando um gléblun maior tentou impedi-los, Hildora comandou:

— Gohin Maximus!

Uma esfera verde de luz explodiu, arremessando a criatura longe.

— Corram!

Eles dispararam, desaparecendo entre raízes e sombras.

DE VOLTA A TRÔNTOR, Hildora despejou o Orvalho da Meia-Noite no caldeirão ainda fumegante. O líquido prateado se espalhou devagar.

Ela prendeu a respiração.

A energia se expandiu pela sala como uma onda suave, vibrando nas paredes.

Por um instante, pareceu perfeito. Mas logo o brilho começou a diminuir.

Hildora fechou os olhos.

— Funciona... — murmurou, exausta. — Mas só por algumas horas.

Margarida aproximou-se e pousou a mão em seu ombro.

— Às vezes, algumas horas são tudo o que precisamos.

A poção foi guardada com cuidado, tornando-se um símbolo de coragem.”

— VOCÊS VÊM? A comida vai esfriar! — gritou Cocu, sem paciência.

— Como você nunca me contou essa história antes? — perguntou Oliver.

— Eu tentei! Mas você nunca para pra ouvir nada.

— Vamos jantar, mas depois você precisa me contar tudo!

Oliver disparou para a mesa, quase tropeçando de pressa. Quibi, com um sorriso carinhoso, seguiu logo atrás.

. . .

EM POUCOS MINUTOS, a panela já estava vazia. A sopa não merecia um troféu, mas arrancou sorrisos de orelha a orelha.

— Vovô Cocu, tá melhorando, hein! — elogiou Oliver.

Quibi concordou, cutucando um pedaço de legume queimado como quem descobre um fóssil.

— Obrigado, queridos! E agora, o que vocês vão aprontar?

— Ah, o Quibi tava me contando uma história sobre... — Oliver começou, mas o olhar afiado do primo cortou a frase no meio.

— É... nada demais, vô. Só um conto sobre os Baluns.

— Os Baluns? Ah, esse povo é fascinante! Já contei da vez que fui pra Balunê?

— Sim, sim, essa é ótima! — disse Quibi, se levantando da mesa. — Vamos, Oliver, podemos ler um pouco mais antes de dormir!

Os dois dispararam para o quarto.

Sentaram nas camas, esculpidas em troncos de árvores que mais pareciam grutas aconchegantes, o tipo de esconderijo que qualquer aventureiro aprovaria.

— Por que você mentiu?

— O vovô não gosta dessa história sobre Trôntor. Nunca gostou.

— Mas é tão legal!

— Você ainda não viu nada! A melhor parte ainda está por vir.

O PLANO DE PERCIUS

Do outro lado da ilha, o *Aconchego das Ondas* estava no mais puro silêncio. As luzes apagadas, os hóspedes roncando tranquilos.

Mas Leonard não.

Pegou a mochila e caminhou até a porta, pisando devagar. Atravessou o longo corredor com cuidado, sua sombra se esticando pelas paredes.

Quando chegou ao bar, um copo caiu no chão.

Ele prendeu a respiração.

Espiou pela quina, devagar.

Um gato saltou do balcão e desapareceu pela janela.

— Ótimo — disse, soltando o ar.

Lá fora, a noite parecia quieta demais.

A brisa batia leve, enquanto Leonard caminhava rápido pela praia, atento a qualquer movimento.

No cais, canoas de pesca modestas balançavam no mar tranquilo. Ele seguiu pela madeira até ver o barco de Cori, o *Veloz*, que parecia um gigante perto dos outros.

Leonard jogou a mochila no convés e subiu a bordo.

Olhou ao redor. Quando começou a soltar a corda, sentiu o peito apertar.

— Droga.

Suspirou, encarando a pousada ao longe.

Depois de um longo minuto, apanhou suas coisas e voltou, arrastando os pés.

Sentou-se à sombra de uma palmeira e pegou uma Koti caída.

— Eu devia estar no meio do oceano, não fazendo piquenique na areia.

Deu uma mordida na fruta enquanto as ondas quebravam mansas.



NA CASA DOS PUTH, a noite seguia calma. Luzes suaves filtravam pela janela enquanto Quibi continuava a história.

— Imagine poder dar vida a árvores, flores, qualquer coisa que brotasse da terra.

— Hum, seria legal...

— Legal? Tô falando de árvores andando como se tivessem pernas! Ou até uma cenoura falante!

— E pra que eu faria uma cenoura falar?

— Eu sei lá.

— Exato. Mas já pensou num... cogumelo espadachim? Isso sim seria épico!

— Ué, mas eles já existem... — disse Quibi, dando de ombros. — Voltando à história. O mago que tinha esse dom era...

Bartolomeu Folhas

“ERA uma tarde chuvosa quando batidas fortes ecoaram pela pequena casa escondida na floresta. Um lugar tão perdido entre as árvores que, para a maioria das pessoas, simplesmente não existia.

Para a maioria...

— Mas o que está pensando? Isso é jeito de chegar aqui?
— resmungou Bartolomeu, abrindo a porta.

Percius Luthon entrou já molhado de chuva.

— É urgente, Folhas. O exército de Hugo chegou a Asten. Dizem que vão atacar hoje à noite.

Bartolomeu empalideceu.

— Mas... mesmo com um dragão não chegaríamos a tempo.

Percius o encarou.

— Você conseguiu criar o que eu pedi?

Bartolomeu olhou para a bancada coberta por um pó azul cintilante.

— Não está pronto. Nunca foi testado. Podemos parar em qualquer lugar, ou até no vazio como num Vankhir.

Percius não hesitou.

— Se existe um dia para testar, é esse.

O silêncio pesou entre os dois.

Folhas pegou o pequeno saco de couro com o pó mágico:

Tubin.

— É tudo ou nada.

O pó subiu no ar como uma nuvem de vagalumes.

A floresta desapareceu num sopro, e Asten surgiu diante deles, já envolta em fumaça.”

. . .

OLIVER NEM PISCAVA.

— Me diz que eles conseguiram salvar a cidade...

— A batalha durou a noite inteira — respondeu Quibi, mais baixo. — Mas conseguiram salvar a maioria das famílias antes que Asten caísse.

Margarida Carvalho

“ENQUANTO ISSO, Trôntor mudava.

Já não havia mais festivais, as ruas estavam mais silenciosas e alguns magos começavam a deixar o lugar.

Mesmo assim, Margarida continuava espalhando seu sorriso — ainda que as olheiras denunciassem noites mal dormidas.

Em sua oficina, trabalhava sem descanso. Na bancada, a madeira da árvore de Buloki já tomava forma, quando o sino da porta tilintou.

Hildora entrou apressada.

— Alguma notícia? — perguntou Margarida, sem parar o que fazia.

— Asten caiu ao amanhecer. Galark está avançando.

Margarida ficou em silêncio por um instante, observando a armadura quase pronta.

— Ficou esplêndida, Mag — disse Hildora, a luz azul da casca refletindo em seus olhos.

Margarida passou a mão pela peça, tocando a árvore entalhada no peito.

— Eu esperava que nunca precisasse ser usada.”

. . .

O QUARTO FICOU em silêncio por um momento, apenas o vento soprando na janela.

— Diziam que nem mesmo o fogo dos dragões podia atravessar a casca da armadura de Buloki — contou Quibi.

Oliver ficou mais quieto que o normal.

— E o Percius? E o Bartolomeu?

— Eles voltaram para Trôntor, e a cidade já não parecia a mesma.

Percius Luthon

“ANTES DA REUNIÃO DO CONSELHO, Percius subiu sozinho até a Sala dos Espelhos. Ali repousava sua criação final: **Tohin, a chama azul.**

Diziam que aquela espada obedecia apenas ao seu dono, e que os elementos se curvavam à sua vontade.

Percius a ergueu. A lâmina reluzente refletia infinitas versões dele nos espelhos ao redor.

Primeiro, chamou o fogo.

— *Fliri!*

Uma chama azul percorreu o metal, firme. Ele manteve o foco até que o calor enchesse o salão — então a deixou se apagar.

Respirou fundo e, desta vez, buscou o vento.

— *Wintus!*

O ar girou ao redor da espada, ganhando força, como se testasse seus limites.”

— ISSO É SÉRIO? Uma espada mágica?!

— Fala baixo! O vovô já vai nos mandar dormir.

— Desculpa. Mas o que são essas palavras?

— Significam “fogo” e “vento” em Maíki, a língua dos magos.

— E como você sabe tudo isso?

— Biblioteca do vovô. Ele nem sonha que eu encontrei todos aqueles livros.

— Incrível! E depois?

“PERCIUS BAIXOU A LÂMINA.

Nos espelhos, via-se multiplicado infinitas vezes — guerreiro, líder, amigo. E ali, sozinho, tomou sua decisão.

A guerra já estava a caminho.

Hugo Galark e seu exército se aproximavam como um mar de sombras.

Goldes, cidade aliada, mandou seu exército para ajudar, mas Percius fez algo que ninguém esperava: pediu que eles voltassem para casa.

A notícia caiu como pedra num lago. Em poucas horas, a confiança virou medo, e os protestos começaram a tomar as ruas.

Na sala do castelo, o ar estava pesado. Cada membro do conselho gritava mais alto que o outro, até que Percius pediu a palavra.

— Amigos. Não venceremos esta guerra sem sacrificar inúmeras vidas inocentes. E eu não posso permitir isso. Proponho que evacuemos Trôntor antes que seja tarde demais.

Todos ficaram em choque.

— Você enlouqueceu, Percius?! O povo já está em pânico! — gritou Hildora.

— Eu sei, mas ainda acredito que posso convencê-lo a desistir.

— Galark já não é o mesmo homem... — disse Bartolomeu. — E se ele se recusar?

— Então eu fico. E enfrento o exército... sozinho.

— Meu amigo, isso é loucura! — disse Margarida, nervosa. — Você mandou o exército de Goldes embora pra isso?

Ridus, com o semblante preocupado, completou:

— Você viu o que aconteceu em Asten e nas outras cidades.

— Peço que confiem em mim. Nosso povo precisa de vocês. Levem todos em segurança. Essa é a nossa melhor chance.

O silêncio voltou.

Então Bartolomeu respirou fundo e disse:

— Mesmo achando que isso é maluquice, podemos evacuar a cidade. Tenho *Tubin* o suficiente para isso.

Foi ali que Folhas percebeu. Cada pedido de Percius tinha um lugar no plano.

— Obrigado, Folhas.

No fim, ninguém conseguiu dizer mais nada. Apenas buscavam ter fé de que a coragem ainda pudesse vencer a escuridão.”

— NÃO! — gritou Oliver, quase caindo da cama. — Ele vai mesmo enfrentar um exército inteiro, sozinho?!

— Dá para acreditar?

— Não mesmo!



CAPÍTULO 5

O CAVALEIRO

“**N**o horizonte, uma nuvem escura marchava sobre os campos verdes. O exército de Galark se aproximava. Trôntor estava em perigo.

O conselho não perdeu tempo. Hildora Pena usou a poção:

— *Protekum!*

A cidade inteira brilhou em dourado. As torres, as ruas, até os jardins reluziam como se Trôntor estivesse dentro de uma lanterna mágica.

O *Tubin* de Bartolomeu era um espetáculo: bastava pensar em Goldes e *vup!* — portal aberto. Os moradores atravessavam um a um. Podia até parecer divertido, mas ninguém sorriu ao partir.

Ridus, com sua capa dourada, correu até Percius:

— Por favor, deixe-me ficar! Você não precisa enfrentar essa batalha sozinho.

Percius balançou a cabeça.

— Ridus, você é jovem, mas já é o mago mais poderoso

de Trôntor. Cuide do nosso povo até que todos possam voltar para casa seguros.

Ridus baixou o olhar.

— Pelo menos fique com isso — disse ele, fazendo Yellum surgir entre as mãos.

— Obrigado, amigo.

Margarida passou o braço pelos ombros do jovem. Queria confortá-lo, mas era difícil esconder sua preocupação.

— Tome cuidado, Percius.

— Sempre, Mag.

Vendo os amigos partirem, Percius respirou fundo. Agora, o destino dos magos dependia dele.

EM POUCAS HORAS, Trôntor estava vazia. Nada de passos, nem risadas. Só o vento arrastando folhas secas pelas ruas de pedra.

Montado em Bifur, um majestoso alce de pelagem preta e cabeça branca, Percius cruzava a cidade. A armadura de Buloki cobria seu peito, a árvore entalhada apanhando a luz da manhã. Naquele momento, era mais que um mago... era o Cavaleiro de Trôntor.

Quando chegou aos portões, o cenário era um terror. Um mar de criaturas, catapultas armadas e olhares cheios de ódio. No centro, estava Galark. Montado em sua Kiena, uma fera colossal de pelos pretos eriçados e presas que pareciam ansiosas para rasgar o mundo.

Os monstros urravam, prontos para a batalha. Mas, ao verem um único cavaleiro avançando, ficaram em silêncio. Daquele silêncio que até o vento respeita.

— Foi abandonado pelo seu povo, Percius?

— Vá embora, Hugo. Não vê que isso é loucura?

A Kiena bufou, os soldados rugiram.

— Junte-se a mim. Você não sente? O mal está próximo!
Precisamos estar prontos — disse Galark.

— Olhe ao seu redor! Você se tornou o mal que teme.

Galark saltou da sela, furioso. Sua armadura negra, forjada nas lavas de Dhormum, parecia engolir a luz.

— Se você visse o que eu vi...

Por um segundo, sua voz vacilou. O homem que ele foi um dia hesitou — mas era tarde demais.

Com o olhar vazio, ordenou:

— Criaturas, ataquem!

Um sussurro passou pelo campo, e as lâminas se ergueram.

Então, o chão tremeu.

A primeira fileira rugiu e avançou, cuspidando poeira.
Percius agiu rápido. Sacou *Yellum* e disparou.

A flecha dourada cortou o ar como um relâmpago vivo.

Um. Dois. Trinta inimigos caíram.

O exército hesitou.

— Como isso é possível? — murmurou Galark. —
Venham... comigo!

Ele avançou com os olhos em brasa, puxando uma nova horda.

Percius lançou outra flecha.

Mais uma leva tombou.

— Vamos, Bifur! — gritou ele.

O alce disparou em direção à cidade, onde o escudo *Protekum* brilhava. Era rápido, mas Galark já estava próximo.

Encurralado, Percius ergueu a espada:

— **ENDAR!**

A lâmina brilhou e o solo rugiu. Rachaduras se abriram como serpentes nervosas.

Galark tentou se segurar, mas foi engolido pela terra.

Os inimigos despencaram.”

— Isso! Acaba com ele! — vibrou Oliver.

Mas Quibi não se animou.

— Ele sobreviveu à queda...

— Ah não!

— Enquanto Percius segurava o exército nos portões, Galark escalou o abismo até encontrar outra entrada.

Oliver se ajeitou.

— Quando o domo finalmente cedeu, os monstros invadiram e encontraram apenas silêncio. Furiosos, começaram a destruir tudo o que viam pela frente.

“PERCIUS CHEGOU ao centro do caos e encarou Galark, que se postava firme, certo da própria vitória.

— Os magos deviam estar prontos. Mas fugiram como covardes!

— Prontos para quê? Perder vidas inocentes pela sua obsessão?

A fumaça queimava os olhos. Trôntor era só ruínas.

— Olhe ao redor. A cidade que você amou está destruída. E foi você quem fez isso.

— Eu vi o dia em que Tehko cairá! — gritou Galark. — Só eu posso impedir isso.

— Você perdeu a razão há muito tempo, Hugo.

— Cale-se! Você é fraco, a ruína da nossa espécie! Preciso salvar Trôntor de você primeiro.

Ele avançou.

Espada roxa contra azul. Faíscas cortavam o ar, cada choque, um trovão.

A lâmina de Galark zunia, golpe após golpe. Mais uma explosão, outra. Percius recuava passo a passo.

A Praça dos Vagalumes se enchia com os sons da batalha.

Então, um corte limpo.

Um estalo.

A *Tohin* superou a espada sombria, que partiu em mil pedaços. O Cavaleiro de Trôntor não hesitou:

— **ATLIN!**

Sua lâmina cuspiu um rio furioso.

A água varreu tudo. O escudo de Galark quebrou, e a corrente o lançou como graveto contra a muralha.

— Acabou! Mande seus monstros de volta!

Galark se levantou com esforço. Cada passo, com a armadura, soava como um tambor.

— Você vai conhecer a verdadeira face dos magos.

Ele começou a murmurar numa língua desconhecida. Cada sílaba era áspera, como pedra arranhada.

Percius sentiu um arrepio, como se o feitiço tivesse vontade própria, algo que não pertencia ao mundo dos magos.

— **YUNDUR!** — rugiu Galark.

O céu respondeu.

Nuvens negras, relâmpagos rasgando o mundo. Uma fumaça grossa o envolveu, se enrolando como cobras vivas, raios estalando dentro dela.

A sombra tomou forma.

Gigantesca.

Dois olhos de fornalha abriram-se na fumaça densa.

— Mas... o que é isso?

Galark já não existia. Restava apenas um ser de trevas.

Seu bramido veio, arrastando a alma da cidade. Soldados recuaram. Mas Percius não cedeu.

— Volte para as sombras! — gritou.

— **FLIRI!**

Labaredas saltavam da espada, chiando. Cada corte, um fio de fogo. O monstro rugia, cada vez mais furioso.

A escuridão revidou.

As mãos enormes caíam como martelos, esmagando a praça. Percius ergueu um escudo d'água, mas não foi suficiente.”

— AH NÃO! — gritou Oliver, andando pelo quarto e agitando as mãos.

— Quando parecia o fim... uma luz inesperada nasceu no caos — disse Quibi.

“PRIMEIRO, um lampejo tímido.

Depois, um clarão dourado explodiu como um sol nascente. Do brilho surgiu Ridus Claraluz.

Sua armadura reluzia nas sombras.

O mago caminhou entre os destroços do *Beco Thopo*. A estátua da Fonte Falante, que sempre recebia os visitantes, estava partida no chão como um guardião derrotado.

— Não... — Ridus se abaixou.

— Trôntor... resiste — murmurou o rosto de pedra.

Foram suas últimas palavras.

Quando levantou o olhar, Claraluz estava cercado. Uma dúzia de monstros com sabres brilhando entre a fumaça.

— Voltou pra morrer? — disse um deles.

E avançaram.

— Por Trôntor! — gritou Ridus.

A magia respondeu.

— ***Lunin!***

Uma esfera de luz atingiu a fonte. A água explodiu como uma onda no meio do beco.

Os monstros recuaram, cegos.

Ridus avançou.

O calor dos seus feitiços varria a rua, lançando criaturas contra as paredes.

Ao ouvir um rugido ensurdecedor, o mago travou.

— Percius...

Correu em direção ao som, atingindo inimigos e abrindo caminho até a Praça dos Vagalumes.

Quando se aproximou, suas pernas tremeram.

Galark, em sua forma de sombras, golpeava torres que caíam a cada impacto. O monstro, movido a puro ódio, devastava tudo ao redor.

Diante dele, Ridus parecia uma formiga. Mesmo assim não recuou.

— ***Lunin Maximus!***

O raio dourado atingiu a massa de sombras. Galark rugiu e vibrou, como se absorvesse a energia.

Foi quando o horizonte tremeu.

A criatura abriu a boca, reunindo uma energia verde-escura que brilhava no vazio.

O ar rangeu.

E veio o disparo.

— ***Arghhh!***

Ridus foi lançado pelos ares, batendo nos escombros. A poeira subiu, cobrindo tudo. Por alguns instantes, nem o

vento ousou soprar.

O jovem mago mal se mexia.

Quando um grito cortou o caos...

— GALARK! — Era Percius, com Yellum em mãos. —

Isso acaba agora!

O disparo voou como uma estrela furiosa.

Galark urrou.

A massa sombria foi sumindo, devagar, até sobrar um corpo humano, frágil. A flecha continuava cravada em seu ombro, pulsando.

Percius avançou.

— **WINTUS!**

Um tornado arrancou o feiticeiro do chão e o lançou pelos ares. Quando o vento cessou, restou apenas um homem quebrado.

Com um gesto mágico, Percius fez surgir no ar um cubo negro de bordas douradas. **O Vankhir.**

— Hugo, pelas leis de Trôntor, eu te condeno à prisão mágica.

O cubo explodiu em luz, puxando o feiticeiro com uma força implacável.

— *NÃOOO!* — rugiu ele, tentando resistir.

Com um baque final, o *Vankhir* se fechou. Galark sumiu no vazio — um lugar sem chão, sem paredes, sem céu... onde só existe silêncio.”

A ESPERANÇA

Lá fora, grilos e dragões de Koppi cantavam tranquilos na floresta, enquanto, dentro do quarto, Oliver finalmente suspirou.

— Ufa, achei que eles iam ser esmagados!

— Nem me fale — respondeu Quibi. — Mas, agora com reforços, os monstros nem tiveram chance...

“EM MEIO AO CAOS, novas silhuetas surgiram. Tendo salvado o povo, agora os magos voltavam para salvar a cidade.

— Vamos! Hora de varrer esses monstros daqui! — gritou Folhas.

— **FLORINI!**

A terra se agitou.

Vinhas se retorceram, árvores inteiras se ergueram como guerreiros antigos, prontos para lutar.

— Guardiões da floresta, à defesa!

Um dos inimigos parou, encarando um grupo de titãs que caminhavam na sua direção.

— Aquilo... são árvores?!

Não teve tempo de pensar.

Foi arremessado longe, girando como boneco de palha.

Ao norte, Hildora Pena disparava bombas mágicas. Pequenas esferas que, ao tocar o chão, explodiam em nuvens verdes, derretendo as armas inimigas.

— Voltem de onde vieram!

E os poucos monstros que sobraram? Margarida cuidou deles com seu estilingue. Disparava pedras que cresciam no ar, virando pedregulhos gigantes antes de esmagar os que esqueceram de correr.

ACIMA, o céu, que até minutos antes estava tenso, finalmente respirou. As nuvens se abriram devagar, deixando escapar uma lua curiosa e um punhado de estrelas.

Um a um, os últimos monstros foram varridos da cidade.

— Terminou, meus amigos — disse Percius, com a voz cansada, mas um sorriso no rosto.

O lar deles estava salvo. A esperança já se movia como um broto teimoso, nascendo entre os escombros.

Mas, desde aquele dia, um mistério se espalhou: os magos e as lendárias armas que defenderam a cidade sumiram como se nunca tivessem existido. Só restaram ruínas.

Muitos dizem que as armas estão guardadas, adormecidas, caso sejam necessárias um dia. E os magos? Tem quem jure que encontraram um novo lar... distante.

Trôntor, agora linda, permanece como um lembrete: mesmo na noite mais sombria, coragem e esperança são luz suficiente para recomeçar.”



OLIVER PULAVA NA CAMA, fazendo os lençóis voarem.

— Os magos do conselho são incríveis!

Quibi riu, encostando a cabeça no travesseiro.

— Eu disse, não disse?

— Bom, espero que eles tenham ficado bem.

— Tenho certeza de que sim.

O quarto ficou quieto por alguns segundos, só o rangido da cama lembrava que eles tentavam se acomodar. Tentavam, porque Oliver não desligava.

— Não acha estranho o tal do Leonard ter pedido um livro sobre essa lenda? — perguntou, debruçando-se para ver Quibi melhor.

— Hum, não pensei muito nisso.

— Espera aí! Existe algum mapa desse tesouro de Trôntor?

— Nunca ouvi falar de um. Mas, se existisse, seria uma raridade.

Oliver se levantou num pulo.

— Foi por isso que ele pediu aquele livro!

Quibi arregalou os olhos.

— Acha que aquele mapa...?

— Só tem um jeito de saber. Amanhã cedo, precisamos ir à pousada. Eu e Nala distraímos ele, e você dá uma olhada!

— De jeito nenhum! Já me arrependi de ter espiado uma vez.

— Daqui a pouco ele vai embora e “tchau mapa”. É uma chance única! Só vamos dar uma olhadinha!

Quibi suspirou. Estava quase convencido.

— Imagina só essa preciosidade! — insistiu Oliver. — O que me diz, hã?

— Uma olhada rápida não faz mal a ninguém, né?

— É isso! — Oliver comemorou, dando soquinhos no ar.

Animados e com o plano fresco na cabeça, os dois se ajeitaram para dormir.

Aos poucos, o quarto se encheu com as respirações suaves dos meninos. E, naquela noite, Trôntor voltou a ser salva em seus sonhos.

CAPÍTULO 6

MAÍKI

Gruk parecia um canhão prestes a cuspir fogo. Leonard Volt, agora carimbado como traidor, fugira com o mapa que valia mais do que seu próprio navio. Se Volt tivesse a infelicidade de cruzar seu caminho, ia descobrir rápido como é ver o mundo sem pescoço.

— Aquele rato... — rosnou Mãos de Espada, esmagando uma garrafa no convés.

O som do vidro partindo foi a única coisa que ousou fazer barulho. Ele encarou os covardes mais próximos, e seu olhar parecia gritar: *A próxima é na sua cabeça.*

Os piratas se encolheram. Ninguém ousou abrir a boca.

No horizonte, a Fortaleza Suja surgia como um pesadelo decidido a existir. Árvores mortas, retorcidas como ossos quebrados, estendiam galhos magros, como se pedissem socorro... ou tentassem arrancar os olhos de quem passasse.

Uma névoa verde rastejava pelo chão como veneno, exalando um aviso: *“Voltem enquanto têm pernas.”*

— Lar, doce lar — resmungou Burgaro Dentes.

— Eu não ganho o suficiente pra isso — disse Haroldo Sombras, com o olho tremendo.

HORAS DEPOIS, numa taverna subterrânea, tão acolhedora quanto um caixão úmido, Gruk dava ordens.

— Quero a cara daquele maldito colada em cada porto. Quero meu mapa de volta. TRAGAM VOLT!

— Isso, se ele ainda respira — murmurou Haroldo.

— Se respira, não vai ser por muito tempo! — bradou Corgy, mostrando a cicatriz no rosto, mas a voz ecoou alto demais.

Gruk apenas virou o olhar e avançou em sua direção.

Ninguém se mexeu.

Sem pressa, agarrou Corgy pelo colarinho e o ergueu como se fosse feito de pano. Corgy manteve o olhar firme, mas o corpo o traía: os dedos miúdos tremiam, como ratos apavorados.

— Você tem sorte de ser um farejador — rosnou Gruk, a voz arranhando a garganta. — Ou eu arrancaria sua cabeça. Traga Volt para mim. E lembre-se: quem manda aqui sou eu, criatura imunda.

Num golpe seco, Gruk o arremessou no chão. O impacto ecoou na taverna, e os piratas ao redor recuaram, como se o medo tivesse pernas.

Corgy se levantou devagar, limpando a lama da camisa, tentando parecer maior do que realmente era.

Quebrando o silêncio, Gruk se largou na cadeira, que rangeu sob seu peso, e comandou:

— Vamos nos dividir em três grupos. Burgaro e Haroldo, vocês vão para Faruset. Quero cada pedra daquele deserto virada.

— L-logo Faruset? — gaguejou Haroldo.

A cidade era um oásis no deserto, mas o caminho até lá era quase tão cruel quanto o olhar de Gruk.

— Corgy!

O farejador engoliu em seco, o olhar grudado no chão.

— Você vai para Roulos. Vasculhe todos os becos, bares, buracos. Não pare até encontrar pistas. E se pensar em me trair, eu vou te achar. E quando eu te encontrar... você vai implorar para sumir. Entendido?

— S-sim — respondeu Corgy, num fio de voz.

Gruk se levantou, e até as paredes pareceram recuar.

— O resto comigo! Vamos para a Capital. Quero o traidor cercado antes do pôr do sol. Volt não tem para onde correr!

O BANDO PARTIU PARA A CAÇA.

Logo, cartazes com o rosto de Leonard Volt começaram a brotar nos portos como ervas daninhas, gritando: ***“INFAME TRAIADOR.”***

Abaixo, uma recompensa tão farta que faria até os caçadores mais desesperados sonharem com ouro.

A notícia correu como fogo em pólvora seca, de taverna em taverna, de porto em porto.

Em pouco tempo, Leonard Volt se tornava um dos homens mais procurados de Tehko, e o lendário tesouro parecia cada vez mais distante.

A temporada de caça estava aberta.



AS NOITES na pousada de Cori eram tão tranquilas que Leonard até estranhava. Não acordar com o ranger do convés, ou com o coro desafinado de monstros gritando, parecia um presente que alguém esqueceu de embrulhar.

Em troca de um teto sobre a cabeça, Leonard fazia algo inesperado para alguém com sua fama: cozinhas. E, apesar da sua reputação duvidosa, bastava o cheiro da comida sair da cozinha para qualquer desconfiança derreter como manteiga quente.

— Você tem talento, rapaz! — disse Cori, enquanto provava uma panqueca. — Onde aprendeu a cozinhar assim?

— Na marra. Testando, errando e queimando mais panelas do que eu queria admitir. Mas, com o tempo, fui pegando o jeito.

— E pegou mesmo! — riu Cori. — Se abrir um restaurante um dia, vou ser o primeiro da fila.

— Ah, se eu abrir um restaurante, você não pega fila nem paga nada. Tudo por conta da casa.

— Promessa é promessa, hein?

Leonard sorriu, com a leveza de quem não precisava fingir nada.

— Cori, eu vou tomar um banho e depois dar uma caminhada pela praia. Precisa de mais alguma coisa? — perguntou, tirando o avental.

— Já fez mais do que o suficiente. Vá aproveitar o dia!

A pousada, modesta e cheia de pequenos confortos, estava virando mais do que um abrigo; começava a cheirar a lar.

O silêncio das manhãs e a sensação de estar seguro cresciam como uma brisa lenta. E, de repente, ficava fácil se acostumar com aquela paz.

. . .

MAL LEONARD ATRAVESSOU A PORTA, as vozes de Oliver e Nala se espalharam pela entrada, alegres como passarinhos. Atrás deles, Quibi. Quieto. Seu olhar não era de visita, mas de quem espera uma fera saltar de uma porta a qualquer momento.

— Bom dia, crianças! A que devo a honra?

— Bom dia, Cori! O vovô pediu aquela vara de pescar emprestada — falou Oliver, tentando parecer relaxado, mas não tinha muito talento como ator.

— Vara de pescar? Ele não troca aquela relíquia nem por um navio novo.

— Ele quis dizer isca... quase a mesma coisa, né? — completou Nala.

Cori cruzou os braços.

— O que vocês estão aprontando?

— Nada! Foram as iscas mesmo, só me confundi — disse Oliver, evitando o olhar de Cori como quem desvia de um arpão.

Enquanto isso, Quibi já tinha escapado para o corredor dos quartos. As paredes, de um azul claro quase gelo, pareciam se esticar como um corredor sem fim. A luz do dia entrava pelas janelas altas, espalhando manchas quentes no tapete branco felpudo.

Seu coração batia tão forte que parecia um tambor. Quibi andava na ponta dos pés, o corpo inteiro apontado para um único alvo: o quarto de Leonard.

A mão já estava pronta para girar a maçaneta, quando um som o congelou...

Uma porta se abriu no corredor.

— Já trouxe minha refeição, garoto? — A voz de uma senhora atravessou o silêncio.

O estômago de Quibi revirou.

— E-eu estava indo buscar agora mesmo! — respondeu, fingindo uma calma que não tinha.

A senhora o encarou por um segundo longo demais, e Quibi sentiu o corpo inteiro pronto para correr.

— Ótimo. Já estava pensando em reclamar com o Cori — disse ela, batendo a porta com força.

Quibi soltou um suspiro pesado, mas as pernas ainda tremiam. *Por que fui topar essa maluquice?*, pensou.

A tensão voltou assim que seus olhos se fixaram na porta branca. Engoliu seco, girou a maçaneta e torceu para que ninguém estivesse lá dentro.

A porta se abriu com um ranger lento.

O quarto estava vazio.

Apenas o gotejar e a brisa do mar, como intrusos. Sobre a cama, uma mochila feita. Leonard parecia pronto para sumir dali a qualquer momento.

Quibi se aproximou como quem pisa em gelo fino. Abriu a mochila e deu de cara com o tubo dourado, brilhando de leve, como se emanasse magia e mistério. Respirou fundo e o retirou com cuidado.

Quando removeu a tampa, um cheiro de mofo invadiu o ar. Quibi torceu o nariz.

Quando puxou o papel, o mundo ao redor desapareceu. A tensão e o medo sumiram, tomados pelo encanto dos desenhos e palavras.

— UAU!

Quibi sentiu algo mágico, quase vivo, pulsando pela folha desgastada. Era como se o mapa tivesse vida própria. Um arrepio correu pelos braços como formigas elétricas.

Então, o rangido da porta o atravessou como um trovão. Seu coração saltou tão alto que ele quase largou tudo.

Piscou, e a realidade voltou como um tapa.

— Rápido, Querabin! Ele tá voltando do banho! — sussurrou Nala, espiando pela fresta.

Quibi travou.

As mãos tremiam, e o tubo, teimoso, parecia cada vez menor.

— Vai logo!

— Eu... eu não consigo!

Nala disparou até ele.

Com um gesto rápido, enrolou o mapa e o empurrou de volta no tubo. O coração dela batia no mesmo compasso que o dele.

— Vem! — disse, puxando Quibi pelo braço.

Eles pularam a janela.

O impacto foi suave: um colchão de flores tropicais abafou a queda. Se encolheram atrás de palmeiras, atentos, respirando como se até o ar pudesse denunciá-los.

Foi quando veio o som: **TUM**.

A porta fechando.

Leonard entrou com os cabelos pingando e a mesma roupa do dia anterior. Franziu a testa ao notar a mochila um pouco fora de lugar. Olhou para a janela, e apenas as cortinas dançavam com a brisa.

POUCO DEPOIS, o vilarejo de Koppi repousava, tirando um cochilo. O vento brincava de leve com as árvores — mas a paz não durou.

Três pequenos furacões chegaram correndo, como se o chão estivesse pegando fogo.

Eles se jogaram na varanda da casa dos Puth, ofegantes, com cara de quem carregou um elefante.

— Então, viu o que era? — perguntou Oliver, recuperando o fôlego.

Quibi ficou parado, com os olhos arregalados, como se ainda não tivesse voltado do que viu.

— Era mesmo um mapa do tesouro de Trôntor.

— Eu sabia!

— Como tem tanta certeza, Querabin? — perguntou Nala.

— Estava todo escrito em Maŕki! — Ele se animou, só de lembrar. — Uma raridade! Mas vai ser complicado decifrar aquilo. Era cheio de enigmas.

— Mas nós vamos ser a chave! — disse Oliver, abrindo os braços. — Quer dizer... você consegue decifrar aquilo, né?

— Acho que... sim — respondeu Quibi, com a segurança de um barco furado.

— Ótimo! Então está decidido! Vamos juntos em busca do tesouro!

Nala encarou Oliver como quem ouviu uma ideia muito ruim.

— Você só pode estar brincando, né? Nem sabemos quem é esse homem. Acha mesmo que ele dividiria o tesouro com a gente?

— O Cori disse que ele é uma boa pessoa. E, além disso, ele nunca vai conseguir decifrar esse mapa sem a nossa ajuda.

Quibi estava calado, perdido em pensamentos.

— E o Cocu? Acha que ele deixaria vocês fazerem algo assim? — perguntou Nala.

— Uma coisa de cada vez. Primeiro, vou convencer o

Leonard de que a gente consegue decifrar o mapa. O que me dizem?

— Não sei, não... — disse Quibi, franzindo o rosto como quem morde um limão. — Nala?

— Me parece mais uma das suas enrascadas, Oliver.

Oliver deixou escapar um sorriso sapeca.

— Pode ser nossa única chance de ver a espada e o arco dourado de verdade... — disse, sabendo que era golpe baixo.

— É... tenho que admitir — murmurou Nala. — Isso seria épico.

Quibi sorriu como se estivesse longe.

— Viajar por Tehko e ver os tesouros de perto? Seria como mergulhar no meu livro favorito.

— Esse é o espírito! — vibrou Oliver. — Então, Quibi vai ser o cérebro e nós, os músculos!

Nala ergueu uma sobrancelha, olhando os braços franzinos do amigo.

— Músculos? Que músculos?

— Ei!

E os dois caíram na risada.



A NOITE CAIU DEVAGAR, e a lua espalhou sua luz prateada por Koppi. O silêncio da vila só era quebrado pelo mar, lá embaixo, suspirando contra a areia.

No *Aconchego das Ondas*, Leonard ainda não tinha se rendido ao sono. À luz de velas, ele encarava o mapa aberto na mesa, como se cada linha e palavra zombasse dele.

— F-li-ri. Et avar? — murmurou, torcendo o rosto. — Seja lá o que for isso.

Respirou fundo, batendo a ponta dos dedos na mesa, frustrado.

Passou horas tentando encontrar algum padrão escondido, palavras repetidas, qualquer pista que brilhasse no meio da confusão, mas o tempo só aumentava sua irritação.

Leonard estava confortável na ilha, mas sabia que o relógio não tinha piedade. A cada dia, o bando pirata, agora seus caçadores, chegava mais perto de encontrá-lo.

Exausto, largou o mapa como quem solta um peso e se jogou na cama. Abriu o livro emprestado por Quibi e Cocu, lendo um trecho em voz alta:

— “Montado no majestoso alce Bifur, Percius Luthon foi até os portões, onde encontrou um mar de criaturas das sombras.”

Leonard bufou.

— Tá legal, vai enfrentar um exército inteiro sozinho? — murmurou, virando as folhas amareladas.

Pouco depois, os olhos pesaram. E ele adormeceu com as páginas sobre Trôntor abertas no peito.

NA MANHÃ SEGUINTE, Leonard acordou cedo, não porque queria, mas porque era um dia agitado na pousada. Cori já o esperava com a lista de tarefas, e lá foi ele: cozinhou pratos tão bons que até os fregueses mais rabugentos pararam de reclamar da vida por alguns minutos.

Depois, decidiu caminhar pela praia. Precisava clarear a cabeça e pensar em um plano que não fosse péssimo.

A areia quente marcava os passos, como se o julgasse a cada pisada. Ele franzia o rosto, mastigando pensamentos, mas nenhum deles parecia digerível.

Foi então que a paz se desfez. Sem aviso, Oliver saltou do nada, fazendo Leonard pular de susto.

— Eu tenho uma proposta pra você!

— *Hã?* Que proposta, moleque? — respondeu, irritado, o coração ainda disparado.

— Você não vai conseguir ler esse mapa sozinho — disse Oliver, cheio de confiança. — Mas a gente pode ajudar!

— Mapa? Do que você tá falando? Ficou maluco?

— Você sabe muito bem. Esse tubo dourado tem um mapa. O mapa do tesouro de Trôntor!

Leonard congelou.

Mas logo retomou o tom seco.

— Volta pra casa, pirralho.

Oliver, feito de pura teimosia, seguiu atrás dele, abrindo os braços como quem anuncia algo grande.

— Nós te ajudamos a encontrar o tesouro e ficamos com... — Coçou o queixo, fingindo contas complicadas. — Metade!

Leonard riu.

Mas não foi uma risada qualquer: foi uma gargalhada tão alta que quase precisou sentar para recuperar o ar.

— Tenho que admitir, você tem senso de humor.

Oliver cruzou os braços e lançou a isca.

— Vai levar anos pra você aprender Maíki.

— Maíki?

— A língua dos magos. Complicada e cheia de enigmas. Mas o Quibi é mestre nisso. — Ele estufou o peito. — Aposto que você não conseguiu decifrar nem uma palavra, não é?

Leonard travou por um segundo. Não precisava dizer nada; o silêncio já entregava. O mapa era um mistério e o tempo escorria como areia fina. Ainda assim, o orgulho falou mais alto.

— Eu nunca precisei de ninguém pra nada — disse, virando de costas. — Não vai ser agora. Se manda.

Oliver arregalou os olhos.

— Cucuru Tutu!

— Quê?

— Quer dizer: você nunca conseguirá sem nós. O orgulho não resolve mistério — explicou Oliver, sem nem piscar.

Leonard franziu a testa.

— Só aquelas duas palavras significam tudo isso?

— Pois é. O Quibi que me ensinou. Maiki é complicado. E espero que esteja gostando de Koppi, porque vai ficar muito tempo aqui até decifrar esse mapa.

Oliver deu de ombros e se afastou, assobiando baixinho.

— Espera.

Leonard apertou os lábios, irritado com a ideia de que, dessa vez, talvez não vencesse sozinho.

— Ele consegue mesmo entender essa língua? Digo, de verdade.

— Tá brincando? O Quibi devorou todos os livros sobre Trôntor. Ele é praticamente uma enciclopédia com pernas!

Leonard suspirou.

— Você é persistente, hein, moleque — murmurou, relutante. — Tá legal. Nos encontramos no centro ao meio-dia. Mas não me façam perder tempo.

Oliver comemorou com soquinhos no ar, como quem venceu um gigante.

— E sobre a metade do tesouro? Pode esquecer! — resmungou Leonard, vendo o garoto se afastar.

CAPÍTULO 7

AS LINHAS DOURADAS

Mais tarde, sob o sol do meio-dia, aquele que faz até a sombra procurar sombra, Oliver, Quibi e Nala chegaram à Praça das Palmeiras.

Leonard os esperava, meio largado no banco, observando o vai e vem das pessoas como quem vê um teatro sem graça.

Quando viu o trio se aproximando, arqueou uma sobrancelha, surpreso:

— O que é isso? Mais uma criança? Vocês estão brincando comigo?

— Eu não sou criança, já tenho treze anos! — retrucou Nala, com o rosto corado. Era só um ano mais velha que os meninos, mas para ela isso era praticamente um título de nobreza.

— E eu também ajudei a salvar sua vida — completou, cruzando os braços.

Leonard soltou um longo suspiro, passando a mão no cabelo.

— Tá legal, “senhorita”. Vamos ao que interessa. Onde

podemos ver o mapa? Aqui tá cheio de orelhas e olhos curiosos.

Os três se entreolharam e um aceno de cabeça bastou. Partiram então para o lugar favorito deles na ilha: *a casa da árvore*.

Um esconderijo secreto no meio da mata de Koppi. Bom, pelo menos é o que eles achavam. A verdade? Bem menos épica. Cocu e os Devalle sabiam de tudo, e Flora até fazia faxina lá de vez em quando. Mas ninguém nunca parava pra pensar em como aquela “base selvagem” vivia limpinha.

Pelo caminho, Leonard mal conseguia disfarçar o sorriso. O lugar era lindo. Árvores altas se fechavam ao redor, verdes demais para contar. Entre elas, o rio Topu corria tranquilo, com peixes coloridos deslizando pela água cristalina.

Quando ouviu um canto vindo das árvores, ele parou, curioso.

— Que lagartos são esses?

Os três caíram na risada.

— Não são lagartos! Nunca viu um dragão de Koppi? — perguntou Oliver.

— Dragão?

Os pequenos tinham escamas reluzentes — uns verdes, outros arroxeados — e asas que pareciam pequenas demais pro corpo. Pareciam... porque voavam tão depressa que só dava tempo de lembrar: “*É, não são lagartos.*”

— Koppi fica perto de Ahui, a ilha dos dragões. Dizem que vieram pra cá há séculos — contou Quibi.

— São espertos. Vivem aqui tranquilos, sem medo de virar petisco de dragão de fogo — concluiu Nala.

Eles seguiram pela mata, atravessaram uma ponte de madeira meio torta e Oliver abriu um sorriso empolgado:

— Chegamos!

Apesar de ter sido erguida por três crianças (e uma boa ajuda de Plínio), a casa de madeira não parecia nada amadora. Tinha charme, força e aquela cara de lugar onde as melhores histórias acontecem.

PELAS JANELINHAS TORTAS, já dava para ver o trio em ação, como se manuseassem algo frágil demais para mãos descuidadas.

O mapa, aberto sobre a mesa, ocupava quase todo o espaço, cercado por pilhas de livros e pergaminhos que Quibi acumulava como gléblun guarda ouro.

— Cuidado com isso, hein! Esse mapa é raro — avisou Leonard, como quem não confia nem no próprio eco.

— Eu sei! Deve ser o mapa mais raro de toda Tehko.

Oliver olhou para a folha, fazendo uma careta.

— Nossa, não dá pra entender nada.

— E você, Querabin? Consegue ler alguma coisa?

— Algumas palavras, mas é mais difícil do que eu esperava.

Quibi o encarava linha por linha, tentando entender seus segredos.

Já Leonard se espremia pra caber no espaço feito pra crianças. Olhava ao redor, batendo os dedos no queixo, como quem descobre que alguns minutos podem, sim, durar uma hora inteira.

— Conseguiu ler alguma coisa, garoto?

— Estou trabalhando nisso. Acho que um dos meus pergaminhos pode ajudar — disse Quibi, já mergulhando numa pilha de livros empoeirados.

— Acha? Maravilha...

— Ei, tenha paciência — cortou Nala, com um olhar que dizia tudo.

Triunfante, Quibi encontrou o manuscrito e o abriu como quem revela uma carta mágica.

— Sabia!

A certeza durou dez segundos.

Depois disso, Quibi passou uma hora estudando o pergaminho, enquanto os outros bocejavam, espalhados pelo chão.

Por mais que conhecesse Maíki, aquelas rotas pareciam ter sido desenhadas por alguém que queria confundir até um gênio.

Algo não batia.

Foi então que, enquanto relia o texto, uma frase se acendeu em sua mente.

“FLIRI ET AVAR FOSGERI VIEM.”

Traduzido do Maíki: *“Fogo é a chave para abrir o caminho.”*

UMA IDEIA ATRAVESSOU seu cérebro como um raio. Com mãos trêmulas, Quibi pegou uma vela sobre a mesa e a ergueu, aproximando a chama do papel.

Leonard quase engoliu a própria língua.

— O que você tá fazendo, garoto?! Vai torrar o mapa!

— Ele sabe o que está fazendo! — disse Nala, segurando o pirata com ajuda de Oliver, como quem tenta domar um touro.

— Sabe mesmo, né, Quibi?

Quibi não respondeu.

A vela desceu e, quando a chama tocou a borda... o mapa começou a queimar.

— *NÃO!* — gritaram todos em coro.

Uma labareda rápida correu pelo papel, que escureceu na hora. A borda enrugou, e uma gota de suor escorreu da testa de Quibi.

Ninguém ousou se mexer.

Se um deles respirou, foi por engano.

O mapa começou a se desfazer em cinzas.

Até que... brilhou.

Como se tivesse vontade própria, a folha engoliu as chamas — puxou tudo pra dentro, feito um bicho faminto.

O queimado desapareceu. E o mapa se regenerou diante deles, vivo de novo. Palavras em caligrafia antiga despertaram no papel, seguidas por linhas douradas que se entrelaçaram, formando uma rota jamais vista.

Era como se sempre estivessem ali, só esperando o calor certo para acordar.

— Consegui!

— Funcionou mesmo? — perguntou Oliver, ainda sem acreditar que o mapa tinha, literalmente, comido o fogo.

— Sim! Eu sei para onde temos que ir! — anunciou Quibi. — Temos que seguir por aqui.

Seus dedos deslizaram pelo papel, desenhando um caminho tortuoso.

— Que demais! — vibrou Oliver, estufando o peito. — Eu nunca duvidei.

Nala fez um bico que dizia claramente “*aham, sei*”, mas estava aliviada demais para discutir.

Leonard, por outro lado, não tirou os olhos do mapa, encantado.

— Impressionante. Então essas linhas douradas indicam as rotas, certo? E o que são essas palavras?

— Parecem ser encantos. São como... instruções.

Leonard finalmente piscou.

— Hum. E para onde vamos primeiro?

— Temos que ir pra Roulos. E de lá, seguimos para a floresta Rokum.

— Ah, não. Rokum? Tem certeza? — Leonard não escondeu a careta.

— Qual o problema com Rokum? — perguntou Oliver, assustado.

— É uma floresta densa, traiçoeira... — Quibi fez uma pausa dramática. — Muitos que entram lá... nunca mais saem.

Nala riu de nervoso.

— Uau, parece ser um caminho bem tranquilo. Esse tesouro tem que valer muito mesmo.

Leonard inclinou a cabeça, com um sorriso torto.

— Dizem que é o maior tesouro de Tehko, se a lenda for verdadeira, claro. — Ele bateu as mãos, como quem fecha um negócio. — Perfeito! Então partimos esta noite.

— Essa noite?! Não podemos! — Oliver engasgou.

— Por que não? Vai dizer que seu vovô não vai aprovar nossa pequena expedição? A ideia foi sua, pirralho. Não queria se aventurar pelo mundo?

— Ele tem razão, Oliver. O vovô nunca iria concordar com isso.

— Nem meus pais, principalmente minha mãe — disse Nala, olhando pro chão.

Leonard nem prestou atenção; enrolava o mapa com uma precisão milimétrica, como se valesse mais do que qualquer coisa no mundo.

Guardou no tubo e falou como quem anuncia algo simples:

— Encontro vocês na praia. Ah, e vamos precisar de um barco. Nada luxuoso, só algo que flutue até Roulos.

Depois, desceu com cuidado para não errar os pequenos degraus.

Os três ficaram quietos, murchos. Só dava pra ouvir o farfalhar das folhas e o rio Topu cantando ao fundo.

Até que, de repente, Oliver saltou de pé:

— Ah, não! Esta pode ser uma oportunidade única! Eu cresci ouvindo as histórias do vovô e sempre sonhei em ter minhas próprias aventuras! — disse, como se estivesse numa peça de teatro.

— Eu também quero ter as minhas — concordou Nala, embora a voz saísse menos heroica. — Mas qual é o plano? Sair por aí sem dizer nada a ninguém?

— Não podemos fazer isso, Oliver! Todo mundo vai ficar preocupado.

— E não vamos! Vamos deixar uma carta explicando por que e para onde estamos indo.

Seu plano, para surpresa geral, não parecia tão maluco quanto de costume. Quibi e Nala o olhavam como se estivessem esperando a parte com alguma pegadinha, mas ela não veio.

— E tem mais: vamos mandar cartas durante toda a viagem. Assim ninguém vai achar que fomos devorados por monstros ou algo do tipo!

— É... não é a pior ideia que você já teve — admitiu Nala.

— E depois, vamos voltar rapidinho. Pegamos o tesouro e pronto! Vai ser moleza! — disse Oliver, com a confiança típica de quem nunca entrou numa floresta sombria.

Quibi engoliu em seco. Ele tinha visto o mapa. E sabia que “*rapidinho*” não ia ser.

— Tá. Vamos ter que fazer as malas e pegar suprimentos — disse Nala, entrando em modo prático.

— Combinado. Mas e o barco? — perguntou Quibi, ainda nervoso.

— Eu tenho uma ideia! Nos vemos na praia, hoje à noite? — propôs Oliver.

Eles se olharam, juntaram as mãos e, em silêncio, selaram um daqueles acordos que mudam tudo.

Não faziam a menor ideia do que os esperava, mas estavam prontos para a jornada, onde quer que ela os levasse.



APROVEITANDO que o avô tinha ido à biblioteca, Oliver e Quibi dispararam pela casa, tropeçando em móveis e pegando tudo o que viam pela frente. Cada escolha era no instinto: “*isso é útil? Não sei, mas vem junto.*”

Eles se moviam rápido, com medo de que o avô voltasse e acabasse com o plano, mandando os dois direto para a cama.

Quando as malas ficaram prontas e cheias de tralhas, respiraram fundo e começaram a rabiscar uma carta.

Querido vovô,

Hoje vamos começar uma grande aventura. Viajar por Tehko é tão empolgante que mal consigo escrever direito!

Vamos ver todos os lugares das suas histórias com nossos próprios olhos.

Sabemos que você provavelmente não vai gostar muito disso, mas é uma chance única!

Não se preocupe, Nala vai nos acompanhar. Não consigo pensar em guardiã mais corajosa.

Estou levando roupas quentes, a lupa do meu aniversário e o diário para anotar tudo.

(— Quibi! Escreve aí que eu tô levando a espada!)

Oliver insistiu em levar a espada de madeira.

“Só por garantia”, segundo ele.

(— E a flauta!)

E a flauta.

Prometemos não fazer nada muito arriscado e voltar logo.

Mandaremos notícias assim que chegarmos a Roulos.

Queremos te contar tudo pessoalmente.

Com amor,

Quibi e Oliver

P.S.: Você, não fica bravo! Prometo trazer moedas de ouro de cada canto, até aquelas com a cara metida do Rei da Capital.

Com um suspiro suave, Quibi selou a carta e a deixou sobre a mesa.

Eles se moveram de mansinho até a casa de Nala, avançando como quem anda em cima de cascas de ovos. Se os Devalle aparecessem, bastava uma pergunta para desmontar o plano, afinal, disfarçar não era o forte deles.

Quando chegaram à janela do quarto, nada de surpresa: Nala já estava pronta, um passo à frente. Sua carta descansava na cama e, num salto certo, Nala pulou para fora, aterrissando silenciosa como um gato.

— Tô pronta! E vocês?

— Tudo certo! — respondeu Oliver. — Não vai levar o arco?

— Nem me pergunte. Hugo e Lilo vão me pagar por isso!

Oliver e Quibi se entreolharam e engoliram em seco, como quem prefere não cutucar uma fera.

— Leonard já deve estar lá. Vamos! — Nala tomou a frente, liderando o caminho.

O SOL JÁ ESCORRIA pelos telhados quando Leonard, a caminho da praia, passou pela Rua das Ondas. As placas de madeira, pintadas à mão, anunciavam com orgulho o que cada loja tinha a oferecer.

“Tecidos de Koppi”, dizia uma. As peças eram leves e coloridas, como se alguém tivesse arrancado pedaços de arco-íris para costurar vestidos.

Preciso dar um jeito nesses trapos, pensou, encarando as próprias roupas, como quem vê uma toalha velha esquecida no varal.

Mas foi uma loja adiante que realmente o fez parar. Não saberia dizer por quê... apenas sentiu. Na placa, lia-se: “*Far-mácia Encantada de Hora Ville*”.

A fachada era curiosa: paredes de pedra cobertas por heras que subiam até um telhado torto, enquanto fileiras de frascos coloridos brilhavam na vitrine.

Leonard empurrou a porta sem saber o que procurava, mas quando a intuição grita daquele jeito, você obedece.

O sino tilintou, meio tímido, como quem anuncia uma visita inesperada.

— Boa tarde, madame.

Hora olhou por cima dos óculos dourados.

— Olá, jovem. Como posso te ajudar?

— Para ser sincero, eu só achei este lugar fascinante.

Ela riu, e havia algo de melodia naquele som.

— É bom ouvir isso.

Leonard parou em frente a um caldeirão que soltava pequenas explosões de vapor, como se resmungasse.

— Curioso... — disse Hora, encarando-o como quem analisa um enigma.

E, sem dar tempo para ele perguntar “*por quê?*”, ela subiu a escada de madeira e pegou um frasco roxo, tão brilhante que parecia feito só de luz.

— O que é isso? — perguntou, intrigado.

— *Vilume* — disse Hora, num tom que parecia carregar um segredo antigo. — A poção da luz. Ou, como dizem, uma cura-tudo. Feita com ingredientes raríssimos.

Leonard engoliu em seco.

— Parece valioso. Eu não trouxe ouro comigo.

Ela sorriu.

— Não se preocupe. Às vezes, o universo encontra um jeito de nos dar exatamente o que precisamos, quando precisamos.

Ele pegou o frasco, hipnotizado pelo líquido roxo.

— Você é muito generosa, madame.

Hora inclinou o rosto, com um brilho misterioso nos olhos.

— Muita sorte no seu caminho, jovem.

Deslizando o vidro para dentro da mochila, Leonard sentiu um arrepio. Algo havia mudado. A busca pelo tesouro já não era apenas uma caçada. Parecia um chamado.

JÁ ERA noite quando Leonard chegou à praia, com uma mochila leve pendurada no ombro.

— Olha só, os pirralhos apareceram!

— Corta essa de pirralhos — retrucou Nala.

— Estamos prontos! — afirmou Oliver.

— Mas onde está o barco? — perguntou Leonard, olhando ao redor como quem espera algo grande, talvez com velas e canhões.

Oliver, com certo constrangimento, apontou para uma pequena embarcação ancorada no cais.

— Tcharam! — A grande revelação: a canoa de pesca de Cocu.

Era claro que seria um aperto para quatro pessoas, mas ele parecia convencido de que funcionaria. Afinal, pescar era só um passatempo para o avô — pelo menos, era o que dizia a si mesmo para não se sentir um ladrão de barcos.

— Você tá brincando? Eu devia ter imaginado.

— Esse era o plano? — perguntou Nala, como se esperasse ouvir um “*surpresa!*” a qualquer momento.

— Oliver, não sei se isso é uma boa ideia... — ponderou Quibi, coçando a cabeça.

— Ei, calma lá! Tudo aconteceu muito rápido! O vovô pode ficar alguns dias sem pescar, ou usar o barco do Cori. Além disso, Leonard, você disse que só precisávamos de um barco simples para chegar até Roulos. Aqui está... — completou Oliver, mostrando a canoa com um gesto teatral.

As palavras dele faziam sentido, de um jeito torto, mas faziam. Sem uma segunda opção e com um longo suspiro, todos aceitaram que aquele seria o barco.

Enquanto caminhavam para a canoa, um latido ansioso os fez parar. Koppi, o cachorro de Nala, corria na direção

deles, abanando o rabo e tentando entender se estava incluso na aventura.

— O que você está fazendo aqui, Koppi? Vai para casa!

Leonard ergueu uma sobrancelha.

— Seu cachorro se chama Koppi? Como a ilha? — Ele não segurou a risada.

— Eu também sempre achei isso engraçado — comentou Oliver.

Quibi quase conseguiu ficar sério. Quase.

— Foram meus irmãos mais novos que escolheram o nome dele! — respondeu Nala, na defensiva, como quem já se cansou de explicar isso.

Koppi, alheio ao debate, continuava latindo como se fosse o capitão da operação. Nala se agachou, fazendo carinho na cabeça dele.

— Calma, garoto. Tá tudo bem.

Enquanto ela se despedia do amigo, os outros já se enfiavam na canoa improvisada. Leonard olhava o espaço apertado com cara de quem acabou de descobrir que o jantar é sopa fria.

Com um último olhar para Koppi e uma pontinha de culpa, Nala correu e saltou a bordo.

E assim, espremidos como sardinhas, partiram rumo a Roulos, numa aventura que prometia muito mais do que a própria canoa parecia aguentar.



A aventura continua...

A LENDA DE TRÔNTOR

Lançamento em outubro de 2026

*Você já está na lista: vai saber de tudo primeiro,
direto no seu e-mail.*